

2

Collegio S. José

Caderno de

Sección

Abolclo

Curso

Alumno



Professor

Silvestre Ferraz, de de 190

Num

914

596.

A. Voz do Page

Dramma em 5 actos

Por

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

A acção passa-se no fim do século 16.º em uma colônia, ou pfectoria
protegida na Capitania de Pernambuco, dura a guerra, refere-se as pri-
meiras tentativas, que se fizeram para colonizar a Parajba, então dependente
de aquella Capitania, e possuida pelos Indios Potiguars.

De acordo com a lei
da Bibliotheca e a praxe
em este drama.
1850 F. Martiz



Rio de Janeiro 24 de Junho de 1853.

Personagens do Drama

Coelho de Sousa, Capitão-mór da Parayba.

Elvira, sua filha.

Maria, criada grave de Elvira.

Mourique, Juiz civilizado. (Jurysena.)

Diogo de Abandonca, cavalleiro portuguez, noivo
de Elvira.

Julião, mameluco, criado de D. de Abandonca.

Pirajuba, velho selvagem.

Frei Ambrósio.

Pagé.

Cavalleiros portuguezes, soldados, e selvagens.

Acto 1.^o

O emprazamento.

Um pateo ou jardim contiguo a casa do Bay.^{mo} - mor Coelho de Sousa, com algumas arvores, e cadeiras a sua sombra, donde se vira em tudo a ruína de uma columna recentemente fundada. No fundo florestas, e uma montanha ao longe. Personagens. - Coelho de Sousa, Elvira, Maria, Henrique, Diogo de Abdonça, Julião, Lage.

Scena 1.^a Elvira assentada em attitude melancolica, e Maria em pé junto della.

* Maria - Tenho estranhado bastante, S.^{ra} D. Elvira, em ar de tristes, que a tempo vendes tomado. Eris tão alegre, e tão travessa, não faries senão ~~ris~~ ^{rir}, e brincar; e agora todos os dias vindos aqui sentar nos tão triste... tão triste, que me dá cuidados.

Elvira - Cuidados de que, minha boa Maria? Não sempre somos moços; já me vem chegando o tempo de pensar em cousas mais serias.



Maria (surriuda) Ora' grandes cousas tendes, mas que pensar! Dizeas,
que os outros pensam por vos, e tractae de brincar, rir, e cantar, como d-
auter.

Elvira - Não te de isso cuidado; os pensamentos, a que me abandono, são
bem suaves, e nada tem de desagradáveis para mim. Olha, Maria, todas as vezes,
que aqui venho à tarde, passear, que olho para aquellas florestas, aquellas monta-
nhas d'alem, aquelle horizonto, parece-me que me surri, e que me acerca ao lou-
go d'uma felicidade estranha e inaudita, que meu coração presente, e adivinha,
porém em vão se esforça por chegar a ella. D'estão parece-me, que só um insti-
nato mundo podê lá me conduzir, e me... ai de mim! Maria, se eu pudés-
se contar-te tudo, o que sinto... abri-te o intimo do meu coração...

Maria - É porque não o poderis fazer. O esse coração ainda está tão
puro, como a florinha, que começa a abrir pela manhã. Aberto ella, e que
se poderá ver? o ornalho da manhã no seio de uma flor, que é o mesmo que
a palavra da innocencia no coração de uma donzella.

1840
MIO DE JANEIRO

Elvira - Mas não sabes, Abaria, que um raio do sol pode insinuar-se no castiço da flor, e recriar-lhe essa gota de orvalho, esse thesouro da insensibilidade, que se brilha na aurora da ^{vinda?} ~~insensibilidade?~~

Abaria - Sim, mas creio, que a sombra destes ermos é bastante para resguardar esse teu coração dos rigores do sol, de que falas, se é que tem comprehensão da vossa linguagem.

Elvira - Como te enganaras, Abaria! credes que esta solidão, em que vivemos, acalenta os impulsos de um coração, que nasce para amar? ah! não; nada mais faz do que concentrar-os, e por isso tornal-os ainda mais violentos, mais energicos.

Abaria (em tom de graço) - Muito me admira a vossa linguagem de hoje, Senhora! Não ca nos ouvi philosophar assim: muito tendes apprendido em vossas leituras.

Elvira - Não são os livros, Abaria, é o coração, que me tem ensinado estas cousas. Quando se ha de fazer neste ermo de novo mundo, não pensos e sentir. Quanto ao pensamento, esse absorve-se em si mesmo, de si mesmo se alimenta; mas o sentimento necessita de expandir-se, de reflectir-se em alguma cousa.



Maria - (ainda em ar de grão) Cada vez me causas mais admiração: se estivessemos em alguma corte, que não aqui nestes sertões, eu tinha, que usa rosos arrastados são mais do vom coração, do que de vom cabeça.

Elvira - É não te enganarias... ah! se eu pudesse revelar-te... dizes-te...

Maria - O que? Tendes algum misterio a revelar? se o tendes, dizei-me; nada dizeis occultar-me.

Elvira - (com ingenuidade) Tento medo, que ralhás comtigo.

Maria - E por que? Oh! espero, que não haverá motivo para isso.

Elvira - (com heritação) É se eu te disser, que... amo.

Maria - Dizia, que estaveis rombande. Amas!! a quem? quem poderias amar nest' ermo, a quem onde não vides mais os selvagens de vom praieira, os Indios?

Elvira - Pois não será possível amar-se um Indio?

Maria - Tu estas dizendo, minha menina? Não por grão quero ouvir de vom boca semelhantes palavras.

Elvira - Entretanto não é um grão de Maria; é a pura verdade; eu amo um selvagem, eu amo Henrique.

Maria - Senhora, por quem seia, não gracieis assim.

Elvira - Não graciejo, eu só quero; é a realidade: Maria, não vás por isso ficar mal commigo. Eu tenho necessidade de revelar este meu amor a alguém; e a quem havia de o fazer senão a ti?

Maria. (com reverência) Senhora, vos amas esse Indio?! por quem seia, não sou obrigado a v'ra vêr.

Elvira. (com resolução) Sim, Maria; ja que uma vez fugio-me dos labios essa palavra fatal, dir-te-hei mil vezes: eu amo Henrique, esse negro e valente indio, que me salvou a vida, esse indio tão civilizado como nós, e capaz de fazer inveja aos mais illustres e valentes cavalleiros portuguezes.

Maria - Oh! Sr^a, será tudo o que quizerdes; mas nunca deixará de ser um selvagem, um selvagem!

Elvira - Porque a sorte, ou antes a injusticia dos homens assim o quer; mas

entre os seus seria um príncipe. Ah! bem sei quanto este amor é infeliz! bem sei, que será por ti reprovado, estigmatizado pelo mundo, e até amaldiçoado por meu pai. Mas, que hei-de eu fazer? não me he possível resistir-lhe. Eu sempre amei a Henrique, que foi o companheiro de minha infancia, que o céu parece ter posto nos desolados caminhos de minha vida para substituir-me a falta de um irmão, que a natureza negou-me; eu o amo, e quero que o venho, como um genio protector de minha infancia, como um anjo tutelar. Esse sentimento, que por elle nutro, consagrado pelo tempo e pelo habito, creceu raizes profundas, e impetra hypochiasmamente em meu coração: e desde dia, em que tão heroicamente salvou meus dias ameaçados, a imagem de Henrique gravou-se aqui com traços indeliveis; acredita-me, Maria! nada no mundo poderá jamais apagal-a de meu coração; ei-de morrer com ella!

Maria - Senhora, o que acabas de dizer, muito me afflige. Sais não vos lembrou, que vosso pai já vos tem destinado um marido digno de vós, que a todos os momentos é elle aqui exposto?

Elvira - Ah! que terrível lembrança me vens despertar! jura ao céu nunca mais
outros vejo me espero, que não conheço, e que já detesto. Maria, não me fal-
les mais nisso; deixa-me esquecê-lo; só a ideia desse caracento me assassina.

Maria. Não importa; sois muito menina, é preciso submeter-vos à vontade
de vosso pai, que só ^{vos} dirige o ~~vosso~~ bem: o tempo dissipará esses caprichos
de vossa coração, que julga ser amor, e não são senão desvios de uma
imaginação de criança. Os conselhos da prudência, a ternura de vossos pais,
a vossa própria virtude, e dignidade, e o tempo vos fará em breve esquecer desse
indivíduo, e triumphar facilmente desse affecto indigne de vossa pessoa, e de vossa
jerarquia.

Elvira - Ei-lo que chega, Maria.

Maria - Quem? Henrique? ah! - pois retiramo-nos; deveis evitar a sua presença, o
mais, que for possível.

Elvira - Não, Maria; deixo fallar-lhe por alguns momentos. Elle é tão bom, tão sub-
misso, tão dedicado: além disso lembra-te, que se ainda respira o ar da vida, é
elle o servo.



Scena 2.^a Os mesmos e Henrique.

Elvira. — (em tom de burlesco gracioso) Bem vindo seja o valente caçador Henrique, o terror das selvas, o indomável caçador dos tigres, e das jacathiras! forão largas hoje as tuas excursões pela floresta Henrique, e ja que chegaste aqui a tão boa hora, vem sentar-te aqui perto de nós, e contar-nos as tuas façanhas de hoje.

Henrique. — São tão insignificantes, minha bella ama, que não vale a pena velas contar: perdoo-me, se em vez de vos trazer a pelle de alguma mamataca, ou vos trazer aos pés alguma cabeça suadonha de tigre, que mesmo separada do corpo, vos costuma injuriar tanto modo, eu hoje não vos trago nem estas singelas flores. Estas flores são brancas, quando se abrem, ao raiar da madrugada; mas quando o sol transmonta, tomão a cor, que têm as rosas de vosso jardim. É assim tambem, que a abra filha do estrangeiro se tinge da cor do manacá, quando o fogo de amor vem aquecer-lhe o coração. Eu vou-las offercir; dignas vos heis aceitar-as de minhas mãos?

Elvira. — Oh! meu Henrique, como não aceitar dessas mãos tão nobres, e ~~gracioso~~ dessas mãos, a que devo a minha vida, o gracioso mimmo, que são

ingenuamente me offestas? tu es digno de tudo, e quanto me pena não poder pagar-te, ^{firmamente} ~~me dejes~~ a grande dívida, em que estou para contigo!

Henrique - Nem fallis mais nisso; cumprir o meu dever, quem por vós não faria sobretudo? - vossa amizade e confiança, vossas adoráveis palavras são de sobejo para minha recompensa.

Elvira (contemplando as flores.) São na verdade bem lindas estas flores: onde foi, que as achastes, Henrique?

Henrique. Estas flores, minha bella ama, foram baptizadas pelo genio dos sonhos felizes: ja caminhado de vagar pelas matas, mais preoccupado com os meus proprios pensamentos, do que com os cuidados da casa, deitiei-me sobre um copim verde e macio, que crescia a beira de um córrego, á sombra de uma arvorezinha, que estava toda enfeitada de boas lindas flores: adormeci, e comeci a sonhar. E eu sonhar felizes! sonhei com vós; sonhei, que me diriais cousas tão boas, que eu mal comprehendia, ... e que... ah! perdoae-me; não fui eu, foi Junipary, o anjo dos sonhos ditosos, que pousou sobre minha cabeça. Despertei, e julguei com minha gratidão que essas flores me tinham inspirado esse doce sonhar; pro-



mathe-theis, que em recompensa haviaõ de vir pensar um verso suo, e enfiar os vossos cabellos colhi-as, e apressi-me em vo-las trazer. Desculpae esta occasião de um pobre selvagem; eu não posso, nem sei explicar por outra forma o meu affeto, e minha gratidão.

Elvira - Eu to agradeço, meu bom Henrique. Solessem estas bellas flores de vos senhas nunca mais se murchar.

Maria. (com severidade) Senhora, não devereis nunca tocar nessas flores; bem sabeis, que nellas anda occulta uma vibora. Largae essas flores, Senhora, diitae-as fora!

Elvira. - E porque, Maria? É um mimo tão singelo, e tão innocente!...

Maria - Sel-o ia; mas, pelo que me acabais de revelar... bem mal aviado andou esse columbum em vo-las offerecer, e vos, perdoae-me que vo-lo diga, foste bem imprudente em acceitá-las. E tu, Henrique, es demasiado ciente simples; toma cuidado; olha, que essas cusadias não fizeo bem a um escravo.

Henrique (com indignação) Escravo!... (apontando para Elvira.) rememta della!



Elvira - Tranquiliza-te, Henrique; eu conservarei as tuas flores. (para Maria) porque
vallas assim como este bom columbum, em vez de morir de a sua ingenuidade.
bem sabes, que não é a primeira vez, que me faz offerta do fruto de suas cas-
sadas; hoje em vez de trazer-me uma fera, ou uma ave, trouxe-me estas
flores; tanto melhor, Maria; é um minimo mais innocente e mais puro,
porque não custa sangue.

Maria (com enfado). Fozzi o que quizerdes, Senhora; contava com mais docilidade
da vossa parte; vejo com juras, que minhas palavras não merecem attenção;
queira Deus em breve não vos vuschaes de arriguader. Vamo-nos, Senhora, já
semais nos tenos aqui demorado.

Elvira. Vamo-nos. (voltando-se para Henrique, em quanto Maria vai sabendo.) Tranqui-
liza-te, Henrique, estas flores queridas, que tu me deste, eu juro brochas sempre
sobre o coração. (aperta ao peito as flores.)

Henrique (fendo lançar-se aos pés de Elvira). Oh! quanto sou feliz!...

Maria (voltando indignadíssima, o que interrompe o movimento de Henrique.) Não vou
mor por ora, que para aqui se encaminha o Sr. Capitão-mór; acompanhá-lo

um bello cavalheiro, o qual, segundo creio, Senhora D. Elvira, não pode deixar de
ser o vosso noivo, que por fim sempre chegou e unido a propósito!

Henrique. (a parte.) Seo noivo!.. Elvira tem um noivo!..

Elvira. (a parte com amedonha.) Que fatalidade! como si de afrontar a primeira desse
homem?! Mas Deus! meu Deus! que ~~travagem e delirio~~ ^{travagem cruel!} ~~travagem!~~

Scena 3.^a Os mesmos, Coelho de Sousa, Diogo de Albuquerque, e Julia.

Coelho de Sousa. (entrando.) A minha filha, cuide fareis uma agradável sur-
presa, apresentando-te aqui mesmo aquelle, a quem resolvi confiar o ^{seu} ~~meu~~ destino;
espero, que o veulas como teu futuro esposo. (para D. de Albuquerque.) Sr. cavalheiro,
eis aqui a minha querida, e unica filha, cuja sorte deigo confiar ao vosso amor;
ella é a um tempo a conselheira e a ufania de meus velhos dias, a perola, que
se embraça em minhas câs. Bem quizeria nunca largar de mim essa joia pre-
ciosa, nunca desatar esse unico e suave laço, que ainda me prende a terra; mas
eu sou já como o tronco desfolhado e sem sombra, que o tufo não tarda a pro-
strar no chão da morte; e ella precisa de um braço jovem e vigoroso, que a sus-
tente e empurre pelas sendas da vida. É em que mãos mais nobres e leaes



procederia em entregar a sorte de minha filha?

Diogo de Mendonça. — (a parte) Oh! quanto é formosa! muito me diviã de sua belleza, mas ainda me diviã tudo. (alto, para C. de Sousa.) Muito me honraes, Sr. Capitão mór, concedendo-me a mão de vossa adoravel filha, e em me reputareis o mais feliz dos homens, se ella em seu coração dignar-se approvare a vossa escolha. (para Elvira) É vós, Senhora, contae com o profundo respeito, e dedicado amor, de quem se julga o mais deutor dos mortaes em obter a mão de mais bello dos ceijos. Chereidibae-me, Senhora, ainda que seja esta a primeira vez que tenho o prazer e a gloria de ver-vos; ver-vos um só instante é quanto basta para amar-vos eternamente.

Elvira — (com embargo) Muito agradeço vossas cortezes expressões; podiais fizeo certo... que acheis em mim tambem uma fiel serva, que sempre attenta... e submissa... ás ordens de meu pãe... sabera corresponder-vos...

C. de Sousa. (como acudindo ao embargo de Elvira, e com benevolente sorriso) Minha Elvira, a minha emosaõ he perturbada; um e outro teris mais arada occasiões de explicar-vos:

(para D. de Mendonça.) Sr. Diego de Albuquerque, sois um leal e valente cavalleiro; Elvira e formosa,terna, e boa; esposa da Justiza Real e em vosso braço se crê, por laços do seu ser; sois digno um de outro; confiado em vossa boa estrella, e na bondade divina, espero que sercis um par afortunado.

Hourique.-(a parte, com furor concentrado.) Nunca!

Coelho de Sousa.- Permitti agora, que vos apresente tambem este jovem indiano, que aqui vede. Não punicis, que seja elle da lãa dos outros selvagens; nem é um estranho, é sim um nobre, e dedicado amigo: esse columbum, que ahí vedez, salvou a vida de Elvira, e quiz tambem a minha, em risco de sacrificios a sua: podeis avaliar, que estimo, e que amiro de nos meus elle.

D. de Mendonça.- Oh! muito folgo de o saber; e de já mais que muito me interesse por esse leal e valente indiano. Tenho summa curiosidade de saber dos pormenores de tão importante aventura.

C. de Sousa. De bom grado vo-la contarei. Este bello e vigoroso selvagem, quando veio para meu poder, era ainda um columbino de 4 a 5 annos. Fezha si de aprehendido em luctas, que tiveram os primeiros povoadores das margens do



do Botuzij, ~~pp~~ com os índios Botigouares, que tão bravos e indomáveis se tem mostrado naquella paragem, nestas margens do Parayba, e por toda a estrema desta Capitania. Mandarão mo de mim; mimo juizoso por isto, e pelo qual eternamente lhe serei agradecido. Baptizado com o nome de Henrique, e educado por mim com todo o esmero, mostrou-se sempre dócil, tractavel, e submisso, e por sua intelligencia, vivacidade, e boas qualidades, tornou-se credor da estima e distincção de todos. De selvagem se tem a cor, a força, e a invivel agilidade.

Henrique (a parte.) e a sede de vingança!

C. de Sousa. — Luiz Dias, que um dia, achando-se já grande e forte, fôrme elle corria de pagar um por cem sobre os cidadãos, que eu prodigalizara com sua infancia. Um dia (haverá cerca de alguns annos,) eu e Elvira passeavamos pelos campos vizinhos, e Henrique nos seguia, como era de costume, armado de uma faca de mate, e de seu arco, que nunca abandonou apesar de desconheer em tudo o mais os costumes selvaticos. Elvira transscava alegre e brincadeira, e corria aqui e acolá colhendo flores, como uma borboleta, que arvoacava entorno de mim. Henrique

prechara os passarinhos, ou subindo no topo das mais altas arvores ia agra-
rhar fructas, ou ninhos de aves, que ali se tinha offerecer a Elvira. De subito
um tremendo rumor se fez sentir em um mate, junto ao qual passavamos; parecia,
que um furioso furacão por elle rugia derrubando troncos, e despedaçando as arvores; um
Touro bravo della rompia bramando horrivelmente, e veloz como a flecha do indio
se atirava a Elvira, agarrado habia pela cor vermelha de sua longa mantilha.
Fortes a um tempo sellamos um grito de horror; uma seta partio do arco de Henrique,
e cravando-se nas costas do animal redobrou-lhe o furor. ja não distava senão al-
guns passos de Elvira; eis entre ella e o bruto surge rapido um vulto; no mesmo in-
stante caiu para um lado o Touro, e para o outro Henrique; tinha-se lhe posto diante,
e deitava-lhe a face cravada sobre a nuca, mas violentamente abalroado pelo
bruto ~~causa~~ ^{causa} sem sentidos. Socorremos promptamente o nosso dedicado salvador,
o qual, graças ao céu, e aos nossos cuidados, promptamente recebeu os sentidos, e de todo
se restabeleceu. (estendendo a mão a Henrique) Venha, mio valente e fiel Henrique,
chega-te a mim, deixa-me apertar ainda uma vez essa mão generosa, e boa; em
quanto eu vivo for, hei-de commemorar sempre com gratidão, e praizer esta



feli acontecimento, e offerece-te sempre à admiração, e ao respeito dos ^{homens} reunidos.

Henrique (~~na parte~~) - Sim, demorado generoso, Sr. Cap.^m mor. (na parte) Com uma duração sem affago, com outra me despidara o coração!

Diogo de Abundancia (intendendo a mãe à Henrique) - Nobre e valente indiano, des de hoje quero que sejas tambem meu amigo. Quem mais do que eu deve te ser grato? Os que eu, a quem conservaste a joia peregrina, que sae entrançar-se na cadeia de meus dias, e ajez destinado pelo céo a juncar-me de flores os caminhos da vida? A ti, somente a ti deve-mos, ella a vida, e eu a felicidade. Quero pois, que nunca mais te afastes do nome lado; continuarás, me espero, a acompanhar sempre aquella, que sae ser a companhia de meus dias, sempre o mesmo, sempre fiel à tua officio...

Henrique (carrgando nas palavras com tom sarcástico) - Oh! sempre! sempre! Sr. ^{companheiro!}

D. de Abundancia - Seguir não ~~de~~ por toda a parte, em que a fortuna contraria ou favoravel nos conduz; não é assim, Henrique?

Henrique (no mesmo tom) - Sim, Sr. Diogo de Abundancia; por toda a parte, eu o juro; seguir-vos-hei, como a sombra segue ao corpo.

Diogo de Albuquerque. — E continuarás a ser sempre a guarda fiel, e dedicada
de Elvira.

Henrique. — Sempre! por ella clavi todo o meu sangue (com arremente exaltado)

S. cavalheiro! ai daquelle, que tentar roubar a a minha affeição!.. ai delle!

Elvira (assustada) Henrique!

D. de Albuquerque. — Basta, duvidado indiano; medeva uns assomos de tua nobre
dedicação. Ninguém osará no-la roubar; sempre juntos della sempre felizes; e será
nosso unico cuidado formal-a tambem a mais devida possível, tu com tua submis-
são e lealdade, e eu com o meu terno e extenuado amor!

C. de Sousa. A noite ja vem se aproximando; é tempo de nos retirar; vos
sobretudo, S. Diogo de Albuquerque, deveis tractar de procurar algum negocio, pois
naturalmente deveis estar fatigado da grande jornada, que acabas de fazer.

D. de Albuquerque (inclinando-se). Como quizerdes; estoa a tua disposição.
(Diogo dá o braço a Elvira, e retiram-se todos menos Henrique, e Ju-
liao, que fica como que retirado para um canto espreitando curiosamente
a Henrique, e sem ser visto por elle.)

Scena 4.^a Henrique, e Julião.

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECCAO DE MANUSCRITOS
RIO DE JANEIRO

THEATRO
NACIONAL
RIO DE JANEIRO

Henrique - (Julgando-se só) Oh! se vos hei-de seguir, Sr. Diogo de Abundancia! ainda e deixaria?
seguir-te hei sim, como a onça segue a presa através das florestas; seguir-te hei por
toda a parte com os olhos da vingança accesos sobre teos passos. - E quem és tu, que
assim curaste roubar-me a formosa filha do estrangeiro, a alva pombo, que era
o encanto do mio boque, o culero de minha solidão? Quem és tu, e que me importa
quem queir que sigas, roubador infame, has-de-me a restituir, bem que te custe a vida.
Acantela-te, Diogo de Abundancia! Olha, querosa senda, em que te precipitaste obrio
de amor e de orgulho, em ver de flores não encontraes senão sangue, e lagri-
mas! Olha tu, brilhante e affortunado cavalleiro, olha que essa terra, que coparas
encontrar pincada de flores pelas mãos dessa, a quem chamam tio anjo, não
se abra de subito debaixo de teos pés, ^{para te orogar,} e não te furese. (pausa) O infame não
vê em mim mais que um pagão fiel, e submisso!... Pensaste, que não sabe distinguir
a terra submissão do encanto da vil humildade do escravo! Ignora acaso, que circula
em minhas veias o sangue do filho da America? que fui amamentado a mombra
das florestas com o leite da liberdade? Se ignora, em breve o saberi. Serei para ^{ti,}

peor, que o selvagem; serci tigre, e noite e dia vagarei rugindo em torno de tua
habitação, e não desmançarei, um quante não suffocar-te em meus braços, e não
cravar-te as garras no coração, e não entornar-te o sangue vil até a ultima
gota!.. (pausa) abba... ~~ah! ah! ah!~~ não é ella que lá vai encostada ao braço? in-
clinada ao peito d'elle? Não é elle, que ouve o no respirar? que se embriaga com
o som de sua voz, ^{com o perfume de sua healdade,} com o toque de sua mão... E eu aqui preso, eu interdito, eu
collado a terra, como se fora fulminado por um raio!.. (desembainhando a faca, e
atirando-se furioso para o lado, por onde sahirá) Oh! não! não será assim! es-
pera-me, malvado!..

Julião - (tomando-lhe o caminho) Quem pretendes fazer, amigo?

Henrique - Quem é? fuge de ^{meu} ^{caminho} ~~meu~~ ~~que~~ ~~visto~~ ~~e~~ ~~effeito~~ ~~de~~
~~meu~~ ~~colho~~ ~~colho~~.

Julião - Prudencia, camarada! sou teu amigo, não te quero fazer mal. Sêb que
estou vendo e ouvindo cabista na bucura de amar a Srta D. Elvira, minha
nobre
bella, e illustre ama?

Henrique. É que te imposta, maldito?..

Julião - Ignoras acaso, que é ella a esposa do muito nobre e gentil cavalleiro Diogo de Alencoura, e que é insuperavel, que abairxe os nos lindos olhos até nos nobres, e miserar eis selvagem, que somos?

Henrique. E tu, miseravel covarde, ignoras acaso, que Elvira me ama, e que desgraçado será aquelle, que tentar roubar-me o seu coração?

Julião - Amar-te? ella? (a parte) esta não é mãe! até aqui nos ter servido meu amor, quem lhe temansi a dianteira no coração da moça! Apõe! que prosa de amar! e fiem-se lá nellas! (alto) Põe seja como dizes; entretanto meu amigo isto não é razão para desprezarmos os meus conselhos; tenho muita experiencia da vida, e tenho de mais uma vantagem; em minhas veias gira sangue de duas qualidades; tenho o fino e a astucia de selvagem, e a reflexão do homem de além-mar; tenho dois olhos na cara; este olho é Sapieira; este outro é Turbaba; por isto vejo as cousas muito bem por ambos os nos lados. Dou-te pois um conselho; não te pellas com essas bravatas a manifestar a tua paixão; que te pellas a perder infallivelmente: em todo o caso o melhor é desistir da empresa. Se tuinhas em queres tomar o passo á mão meu amor, e menos que



de pode aculturar e seris deplorado, e pagar com a vida o teu atrevimento.

Henrique. (com colera) Cala-te, miseravel! voce servis teu digno amo, a quem tanto como a ti, desprezo.

Julião. - Meu amigo, sua olma, sua palma; fare, o que entenderes; depois não te arrependas. (a parte) Como está insolente! está um parucudo, que aqui haverá esforcamento antes de haver casamento. Entretanto vamos nos embôra, que não me acho muito a meu gosto aqui sosinho com este selvagem. (sabe)

Scena 5.^a Henrique só.

Henrique. (com ar pensativo) Não; ella não pode amal-o: não é crível, que se um momento possa banir da memoria tantas e tão boas lembranças, gravadas no coração dos da infancia. E essa flor, que ella apertou ao seio? não foi um protesto? e com olhar, que me lançou ao saliv, e que me disse tanta coisa? não foi um juramento? Não, Elvira, tu não te casarás com elle; eu continuaré a ser o teu unico esposo; tu não consentirás, que outroem que não seja o teu Henrique, vá colher para ti a flor do manacá, transpassar no bosque a árvore, e o teu caro, ou apertar o vinho do guará no tope do arvoredo. E ai delle, ~~o~~

se ousar roubar o meu thesouro, a branca araponga de meu boqui! Ah! não
o curará... Elvira me ama, pois bem! pela terra e pelo céu eu juro, Elvira
será minha!

Scena 6.^a Henrique e o Pagé.

Pagé. (entrando; com voz pausada e solenne.) Não vê, que entre ti e ella ha um
rio de sangue derramado, e um rio de sangue a derramar?

Henrique. (com ^{gestos} assombro.) Quem me falla? - ah! és tu, Pagé? que me annuncias com tuas
sumidas palavras? que pretendes de mim?

Pagé - Abito! prepara teu coração para um grande sacrificio.

Henrique. Que dizes, Pagé? a mim um grande sacrificio! não te comprehendo; ex-
plica-te, Pagé!

Pagé. Não aqui.

Henrique - Onde pois?

Pagé - Vê aquella montanha negra, que lá se ergue nos confins do horisonte?

Henrique. Sim, vejo.



Sagé - Lá no pé dessa montanha há uma caverna escura, e profunda; onde recolhto os ossos de nossos irmãos, que a ambição e a invidiosidade dos brancos sem immolado; lá eu solitario guardo os manitos proscriptos de nossas tabas devastadas; lá vivo a conversar com os espiritos da justiça e da vingança.

Henrique. - Seu pretender pois?

Sagé - Por ordem de Tupia, hoje a meia noite, lá deves te achar.

Henrique. - Lá me acharii.

Sagé - Juras?

Henrique - Juro.

Sagé - Lá te aguardo.

Fin do 2º Acto.

Acto 2.^o

O Juramento de sangue.

O interior de uma caverna, cheia de utensilios e armas indianas, pendentes das paredes, ou emastadas pelos cantos: no meio arde um fogo abismuntado por algum fúcio, que espalha pela caverna lugubre, e proza claridade. De um lado a entrada da caverna, de outro & a entrada de um compartimento ou simori-
dado da mesma - Personagem - Henrique, Page, Pirajiba, Selvagem.

Cena 1.^a Henrique só.

Henrique (punctuando na caverna, e lançando olhar attonito em redor pela caverna.) É aqui!
é este o sitio sinistro, para o qual me emparrou o velho page. Aqui, a tua desho-
ras, nota mudocho ruído, que parece o arido das sombras dos mortos, que profunda-
rão commigo? commigo, que me ei tornado quasi estranho á meus irmãos da floresta,
que já se apprende os rudos sons da imbuia e do maracá, e que não enten-
do mais a linguagem sagrada dos pages? Não sei: mas é certo, que meu coração
estremece de insolito pavor, e de tudo isto só vello sinistros presagios! prance



que aqui roqueão os maritões da vingança, com vos lugubres murmurando
horribéis conjuros! Ah! são bem desgraçados uns meos irmãos das florestas! São
bem cruéis uns estrangeiros, que assim os expulsam de suas tabas, que os acossam, e
perseguem de mata em mata, como as feras do deserto! — e são elles culpados por de-
fundarem a terra de seus pais contra a vontade dos invasores?... Mas, que têm de fazer
estes infelizes, se o Deus dos brancos é mais poderoso, que o nosso, se Tupá mesmo pa-
rece favorecer os impetando-lhes o seu raio?... Elle tem de punir, que o Satirio é
inexoravel! — (pensa) E como posso eu gozar tranquillamente e sem repenir des-
tes favores, que me concedem os oppressores de minha raça?... Quem seria capaz de
um tal protugio?... Quem senão Elvira, que para mim convertio em grinaldas de
flor os grilhões do captivio?... Mas vejamos, o que querem de mim: pagé, pagé,
onde está?...

Scena 2.^a Henrique, e o Page.

Page. (sahindo da immundidade da caverna.) Eis-me aqui! ainda bem, que fohe
pontual. Agora prepara teu coração para ouvir as tremendas revelações, que
te vão ser feitas. Os maritões sagrados te reparam a alma e o espirito da forma

e da coragem, pois não é a minha voz, é a voz terrível dos ministros de Tupã,
que ora por meus labios vras escutam.

Henriques - Falsa, pagé, que para tudo estou preparado.

Pagé - Escuta pois. Occitem, á esta mesma hora, e neste mesmo lugar, impungendo o rito
sagrado, eu conjurava os espiritos da noite, para que me revellassem os destinos dos
Botzgoares, e me dissemem se ainda resta alguma esperanca aos miseros filhos da flo-
resta: então o manitê da vingança me appareceu entre nuvens de sangue, e me
fallou com a voz da tempestade: - Des, ó pagé! fare resoar teu sagrado marnca
entre os abatidos guerreiros de Tupã; sopra entre elles o espirito da coragem, que
ainda não está de todo extincta a esperanca dos Botzgoares. O dia da liberdade e da
vingança ainda pôde despontar. Só quando se extinguir a raza do rebello e valente
Pirajiba, então, somente então se acabará a nação dos Botzgoares: amin e que Tupã.
Pirajiba não tarda a reunir-se a seus illustres avós na região dos espiritos, e ai de vós,
se morre sem descendencia! Pirajiba tinha um filho. - E existirá elle? He pergun-
ta eu. - Procura-o! me responde. Amin fallou o manitê da vingança, e desap-
pareceu no meio de um grande susurro. - Procura-o; me dizera. Mas como?



onde achal-o? como reconhecer-o? Pedi aos maîtres da sabedoria, que me aconselhassem, e que cumpria fazer, e elles me responderão: - Vais á tala do chefe dos brancos, procura o columim, que lá vive, e dorme dissimulado nos braços da moltera e da indifferença. Elle te revelará tudo. - obedecendo a voz dos maîtres, corri pressuroso a procurar-te. Tu o sabes, eu vou, quando me aprár, á tala do estrangeiro, onde me levarão, e me requeirão em razão de minha grande idade; mas nem por isso deixo de odial-os do fundo d'alma. Lá falli contigo, e para esta lugar impraes-te, ja sabes para que fim; para tratarmos de liberdade e de vingança!

Henrique - Mas dire-me, pagé, em que vos posso eu ser útil em tão arriscada empresa? eu misero columim sem valor, sem experiencia, que de da infancia abriga minha obscura existencia á sombra da tala do estrangeiro?

Pagé. - Elle a voz do céo te aponta como o unico, que pode revelar-nos, onde por ventura existe o filho de nosso chefe moribundo. Se não o sabes, facilmente o poderás descobrir; é esta a vontade dos deuses, contra a qual não te poderás rebellar, sem attrahiras sobre a tua cabeça o raio da vingança divina. Que-me; tu gozas entre os brancos de toda a liberdade, és entre elles querido e affagado;

- affagos abomináveis, por d'urrias repelis como insultos! - mas em teu valimento en-
tri elles era um desiquio do céo, falva formado adrede para essa salvação. Quem me-
thor do que tu, pode servir-nos nesta sagrada causa? quem não tu pode restituir aos
miseros Potigócos a esperança da liberdade?



Henrique - Page, acaso esperas de mim uma traição?

Page - (abatando a cabeça em ar de descontentamento) Sobre indiano! como o habito do captivi-
ro arilhou-te o coração, e apozou-te os bríos! Attende-me: o filho de Pirajiba se acha de
certo gumeado na tala da invidiada e poder de nossos algares; é preciso descobrir
o arilo, em que se escondem; unygor a todo trazo deparar com o filho do velho e velun-
te cacique: e quem melhor do que tu, poderá fazel-o? em tuas mãos está a sorte dos
Potigócos; os manitões assim o declarão. A te, ó meu filho volumoso, a te estava reser-
vada pela destino a bella gloria de salvar tua tribo inteira das garras da ignomi-
nia e da invariada!

Henrique - Velho page, de certo os máos espiritos, que vagão de noite na floresta, te lançorão
surum no pensamento, e por isso não ves, quanto é impossivel, o que de mim exi-
ges. É bem verdade, que as miúdas ações são livres em cara do chefe dos brancos;

e que o favor, de que gozo, me põe em uma situação favoravel para descobrir o vosso jorun dufo. Mas como hei-de procurar, a quem nunca vi? como achar, a quem não conheço?

Pagé - Bem te comprehendo, do ditoso colunium, que trocaste o arco e o tacaie do filho das nevas pela enxada do captivo, que deiparte de bom grado o coar da liberdade pelas roupas da escravidão; bem te comprehendo! A filha do estrangeiro fascinou-te com os olhos maldito, adormeceu-te com o venus de seus labios, e tu vendeste a taba, e os manitos, a terra, que te aliminta, a floresta, que te abriga, a boe liberdade, o praxer da vingança, tudo, tudo vendeste a troco de um sorriso, de um olhar dessa mulher!

Henrique - De quem fallas, pagé? fallas de Elvira? ah! não profiras esse nome, se queres, que te ousta; elle me entusna e pensamente, e me far ferner o coração. Ainda echoa em meus ouvidos as ultimas palavras, que me disse: que palavras, pagé!.. fose eu rei que de bom grado dera a minha coroa só para ouvir dos labios della esas palavras, que derão vida, a este coração, gargoreado de raiva, e de desespero. Pagé, quando me fallaste, meu coração nadava em fel; nesse momento, um cavallheiro, que nunca não vi

BIBLIOTECA NACIONAL
REPUBLICA DE PARAGUAY
10 DE JANEIRO

BIBLIOTECA NACIONAL
REPUBLICA DE PARAGUAY
10 DE JANEIRO

donde, um demônio talvez, remittado do inferno para me atormentar, acabava de ro-
bar-me e livrar, no momento, em que com sua voz adorável me balava-me no céu da
minha doce felicidade: e seu pé, seu proprio pé, a entregava em minha permissão
ao maldito forasteiro!!! E com que direito dispuña elle assim dessa vida, que era a
minha, dum coração, que me pertencia? fiquei fulminado, e como que não acreditava
no que meus olhos viao, no que ouviao meus ouvidos. Apenas sabiste, Page, com a per-
caval-a; queria ouvir minha sentença de nos proprios labios, beber por elle a ultima
gota do desespero, e calar morto a seus pés. Elle viu ^{muita angustia} ~~de dor~~, e antes que eu lhe
fallasse, disse-me estas palavras, que para sempre ficarão gravadas no fundo de
minha alma. = Não temas, Henrique! eu nunca serei esposa dum homem: nunca
nunca trahirei o nosso amor; eu o juro por estas flores quevidas, que ainda a pon-
co me destes.

+ Page - E por ventura aqui forte chamado pela voz do céu para contar-nos os teos mira-
vris amores, ou para erguer comecio o brado da vingança?... Elle! misero envaro, se-
rá possível, que estes tão contentes com teos ferros, que não veia os ais de teos irmaos,
que gemem a teu lado? Ser essas rebas tu os meus dispersos, tristes, e foragidos,

vomitando maldição contra os tiranos, e procurando mal seguro arido nas cavernas, e na escuridão das brechas: por esse valle, que já ouvia as nossas algemas cantigas, e o fatioso ruído das danças sagradas, hoje se escutam gritos de maldição, e gemidos de desespero. O velho Projiba, o terror dos brancos, e rei das selvas, sem tribu, sem mulher, sem filhos, se arrasta a unto a bravar dos florestas, e mal acha onde abrigar sua velhice contra a fúria dos algeres. (ouve-se um suspiro, como de um pagão rugindo, pelas selvas.) Tu não ouves este vento lugubre ululando nos arredores?... este bramido rouco das formigas?... estes surdos gemidos, que nos vem entre as lufadas do furacão?... são as queixas de nossos companheiros mortos; são seus nomes, que estão pedindo vingança! — O Tugid, porque permittes, que os seus mortos pirem na terra dos que te adorão? porque não fazes ~~te~~ chover sobre elles os seus raios, e desabar estas montanhas sobre suas cabeças malditas?! Eia, Columin, é tempo de correr ás armas; lembra os teos adormidos brios, empunha o arco e o tacaço dos combates, e váe anunciar a teos irmãos de infortunio, que não tardará a sair a o dia da vingança. Que! recusarás ainda a obedecer a vós do céo, que te chama vingança, e liberdade!...

Henrique (com voz triste, e solenne.) Não me interrogues, Paje, que não saberei res-

ponde-te.

Page - Covarde!

Henrique - Covarde! nunca, Page; nunca me coraçãõ soube o que é medo; e ai daquillo, eu gozava-se cruzar com o meu; ai do guerreiro, que minha flecha molhar por at-
no no campo do combate! sou sim um filho de infortunio, que não pertence a
nação alguma, que não conhece sobre a terra nem país, nem irmaão, nem familia.
Vós vós outros, reuni-vos, correi ás armas, procurae o vosso chefe, cumprir as ordens do céo
correi ao campo da carnagem, conquistae a liberdade, ou morrei por ella. Quanto a mim
o destino me tolhe os braços, e não permitta que me anocio a vossa guerra imperversa, uma re-
ligião, em que me educarão de da infancia, religião do país, do mar, que os filhos da floresta
degraxadamente desentendem, religião de paz e de amor, que não de sangue e vingança,
ensina-me a não quebrantar o sio, que me abriga, a não ferir o coraçãõ, que por mim pro-
pito.

Page - Oh! maldito, porque não abris o sio da terra para trazer o maldito, que vos insulta,
o vil renegado, cujo labio se destilão a puçõta da covardia, e do opprobrio?! Cume a
maldiciaõ, que Tupã por meus labios te fulmina: maldito seras tu, e deperado.



entre os vivos, e maldita será por todas as gerações a memoria do vil, que foi a vergonha, e a affronta da raza dos Portuguezes!

Henrique. (com exaltação) Embora! todas as maldições, juntas do céu e da terra não me farão vestir o sangue de meus benefactores, nem levantar mão sacrilega contra aquella, que é a minha vida, a minha liberdade, meu unico theouro; contra aquella, que.....

Pagé! Basta, sacriligo! não profanar mais este sagrado recinto com teo fallar insensato. Vae, apressa-te um beijar as mãos do algór, que te enverga! Um dia talvez os fervor te obedão, e emvão suspirarás por essa liberdade, que ora desprezas! será tarde; um vez della so encontrará a ignominia, e a morte vil de envaro!. Vae-te; o raio da ira celeste te fulmine a cabeça maldita! (pauza: rugo o vento, e ronca um trovão ao longe; immediatamente uns gemidos confusos se fazem ouvir fora da caverna.) ~~Que~~ ~~ouvi~~? Espera... que sons lugubros são estes? ou gemidos na floresta... não ouvi? são os maridos do bosque, que gemem de horror e de vergonha sobre a deshonra e opprobrio dos Portuguezes; fuge; são elles, que te maldizão! (Entra Pirajiba, velho indio, fraco e moribundo, amparado dos ombros por dois indios, e seguido por outros muitos.)

Sena ^{6a} Os mesmos, Pirajiba, e selvagens.

Pagé (com ansombros) Quem é, que a tão desbravada procura a caverna solitária do Pagé?... ah! és tu, Pirajiba?... és tu, o rei das selvas, o terror dos estrangeiros?... Oh! quão abatido, e aquebrado hoje te vejo! quão diverso daquella valente e robusto Pirajiba de outrora!

Pirajiba. (pouco a pouco) Pagé, minha existencia toca a seus ultimos momentos; mas antes de morrer, arrastando-me a custo pela mata, quize fallar contigo, que entendas a linguagem dos céos, que conversas com os espiritos dos nuvens.

Dize-nos, Pagé, que sorte aguarda os filhos da florista? por ventura as iras de Anhangá não estão ainda satisfeitas? podem meus olhos descer consolados á habitacão das sombras, ou os gúrdos dos meus rivais turbar ainda a paz de meu joripe?...

Pagé - Chefe dos bravos, o forte, o invencível Pirajiba, consolá-te, que segundo a voz dos sagrados manitos, ainda não é morta a esperanca dos Selgoares: o sangue do estrangeiro, correndo sobre o teu sepulchro, aplacará seus membros irritados. Mas o espirito da vingança, que me fallou entre nuvens, traçou os monumentos do futuro por entre as nevoas da incertezera. Nove destino está



ligado à tua geração, como o cipó se liga e se agarra aos galhos do tronco - rei da floresta
em tua descendência está toda a nossa esperança: assim o declara Tupã' pela voz de seus
manito's. Se morres sem filhos, ai de nós! ~~mas~~ a tua será também a nossa hora derrada.
Mas eis-te aqui, velho e infeliz caique, fraco e alquebrado pelos anões, sem tribu, e sem
família, e pueril a exhalar o derradeiro alento; eis que aqui me appareces como plian-
tasma de condemnação para os miseros proscriptos!... Mas que digo?... por ventura não
ouvi eu a voz de Tupã', trovando entre o fragor da tempestade, e bradando-me =
sus, ó pagé! ergue-te, que é chegada a dia da vingança!... respeitemos essa voz
celeste, e expuremos com fé o complemento de nossas promessas.

Sirajiba - Sim, pagé; os manito's da sabedoria de certo te inspirarão. - Escuta-me:
um dia (era isto bem longe destes lugares) um dia amei Jiana, formosa filha
do valente caçador Jurotinga. Jiana deu-me um filho e uma filha, ambos
lindos, como duas palmeiras novas, que balançam no penacho ao primeiro
sopro das brisas da manhã; elles erao a utopia, e as delicias do meu coração.
Mas em breve foi forçoso pleitear aos estrangeiros com as armas na mão, a por-
se da terra de nossos pais; um raio minha seta roou como o raio de Tupã'

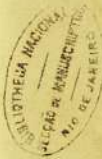
ao coração do inimigo, invão meo tacaço cahio perado como o tronco da pera-
ba um uina de suas cohortes; meo braço cançou de matar um proceito, por-
que eraõ muitos: cahio um poder deller; e eu, Giana, e meos filhos feimos, para
a taba da exarvidão. Soffri! soffri, o que um muiros soer não poderia contar
a lingua do homem. Um dia, minha filha, um meio de ses brimeos, ferio por
accaso de leve o filho do chefe dos brancos: infelizes mães! Sem deare tve-
de pagar um deuido da meimica! Oh! que ainda me ferre um raiva e cora-
ção ao lembrar tanta atrocidade!... ei-la que vae ser cruelmente acotada! Eu
me achava longe, occupado nos ~~meos~~ vin trabalhos da exarvidão; mas Giana, que
tudo via, Giana arreja-se furiosa como a cunha sobre os muros ^{avni} algores; algum de
nosos irmãos, que ta se achavaõ, tomaõ parte na lucta, em favor da infelizes mães;
um terrivel motim se arma; a terra se ensopou de sangue! Giana e muiros dos
nosos horrivelmente massacrados, ficavaõ esturdidos na terra! Oh! Giana! oh
companheira de minha alma, unico amor de minha vida! sobre teu sangue
ainda fumegante eu jurci vingante; embalde! té hoje nos manes vagão



na região das sombras, esperando o dia da vingança! Oh! Tupa, onde está a tua justiça?..

Pagé - Não desaperce da justiça de Tupa! a vingança, que tarda, é mais segura, e mais terrível.

Perajiba - Sim, que esse tormento juramente será transmittido de filho a filho até a miinha ultima geração; e ai de quem ousar quebral-o! ai de quem polpar o sangue do estrangeiro, do homem ou da mulher, do velho ou da criança!.. morra como um vil, se nome seja malolito, e se corpo sirva de banquete aos cães! (paura.) Minha filha não sobreviveo mto tempo a sua infeliz mãe... não pode resistir por mais tempo aos tormentos e rigores do captivo. Depois de tanta desgraça, se me tornou mais que nunca insupportavel o ar da escravidão! Tentei a todo trauza quebrar os meus ferros; conseguio, mas ai de mim, que nemmigo tambem não pude salvar meu filho, por mais esforços, que fizese! Em vão vaguei noites e dias inteiros em torno da haba dos oppressores, vendo se o podia salvar de suas garras; em vão reunindo alguns bravos, que encontrsei nas flo-



veston, dei sobre elle como o jaguar furioso, derramando o suor, e a morte: tudo
foi em vão? até que soube por fim, que o Vinhão mandado para longos terras, mas
nunca soube para onde; nunca até hoje, bem que tenha gasto o resto de minha
vida em inúteis esforços para descobrir-o! - Mas elle existe, a voz de Tupã
o declara; procura-o, pagé: o céu se o ordenou: e quando apparecer, entrega-lhe es-
sas armas, (ajunta para um selvagem, que conduza as suas armas) é a herança,
que lhe deixo; um legado de sangue, e de vingança.

Pagé (para o indio, que conduza as armas) Guernivo de Tupã, deposita ahí essas armas
gloriosas, essa herança sagrada, pumhor de nossa liberdade! (o indio pendura as
armas na parede da caverna.) Ponão ellas prostrar ainda tantos inimigos no cam-
pe da batalha, quantas folhas cahem na floresta ao rocar do furacão! - Mas di-
re-nos, o valente chefe dos Botigocaris, como haremos de achar teu filho? como recob-
rer o nosso salvador, se nunca o vimos, se elle mesmo talvez não se venha a
si proprio?..

Pirajiba - Se existe, deve estar bello e grande, como o jiquitiba, agil e robusto, como

o jaguar. Conchuelo ~~deu~~ por um signal, que tem sobre o covão; eu mesmo o
gravi na sua pelle ainda teva com a ponta de uma flecha unbedida na ten-
ta do Orocim; duas flechas cruzadas sobre um Tacape! - nós o chamamos Ju-
rupema.

Henrique (com espanto.) Eu ouo! oh! mio Deo! duas flechas cruzadas sobre um
Tacape! seriu acaso o filho de Pirajiba!?

Pagé (com surpresa.) Eu acabar de dizer?... temo acaso um te o signal, de que elle
falla?...

Henrique. - Como? oh! não! não é possível!

Pagé. - Vejamos. (acende ao fogo um archote de resina, e dizendo-se para Henrique
observa-lhe o peito.) É elle! - (resina attonito, deixa cahir o archote, e goztham-se.) Gra-
ças, graças, Tugá; é salva a tribu dos Sobigoans!

Pirajiba (avançando para Henrique com passos trémulos, e vacilantes, e com
os braços estendidos.) Jurupema! és tu?... és tu, mio filho?... Graças a ti, Tu-
gá, que reservaste esta gota de maná mel para o vaso de minha moço-

te!... Pagé, dá-me essas armas; quero eu mesmo com estas próprias mãos, ou
bregal-as. (Dão-lhe as armas.) Toma, meu filho: recebe das mãos de teu pai esta
herança tremenda: eu morro; mas meu espirito para para ti com este legado,
que te deixo. Vingá a tua naraz humilhada e perseguida, vingá o sangue de tua
mãe, e de tua irmã.

Henrique - Meu pai! ^(a parte) em que ~~tal~~ situação vim chegar, que tenho um pai ^(alto) meu
pai, perdoa-me; que irão fazer esas illustres armas em minhas fracas mãos?
eu sou um desgraçado, que não sobrei mão de lutar a sua glória. O meu pai,
o pagé, o guerreiro, que me criou, perdoe-me; um ^{fatal} destino me prende os
braços; eu não posso, eu não devo aceitar em glorieo legado: eu sou e menos
proprio de vós todos para conduzir-vos ao combate e à vingança! O manito
da vingança, para mim tão inexoravel, se é possível, farei passar à outrem
esas armas fataes, que minhas fracas mãos não são dignas de empunhar! (vem
um trovão, os ventos rugem pela floresta.)

Pagé - Que vice, o manito! não é a vós os genios, que amaldiçoão a cobardia



do filho de Pirajiba? desgraçado! tu cusas rejeitar as armas paternas? tu re-
nuncias à essa gloriosa herança? Vreme, malaventurado delusor; tu não ou-
ves o céu indignado trocar-te maldições na voz de Topaçu-munga?

Pirajiba - Felizes, mil vezes felizes aquelles, que morrerão entre as garras do
inimigo, utecendo poezas de maldição! felizes mesmo os que espiraram às
mãos do estrangeiro entre os horrores, e torturas do captivo!... ebbas eu, desgra-
çado pae, vivi largos annos para morrer entre as garras do duopero, & é meo
proprio filho, quem me enterra no covão a ultima seta da dor!... Filho ingrã-
to, que só me apparece no termo da vida para amargarar meos ultimos momen-
tos, vai-te, foge! amim meos olhos nunca mais te houverem visto!

Henrique - O' meo pae, o' terrivel Pirajiba, escuta teu filho...

Pirajiba - Não; tu não és meo filho!

Henrique (com angustia) Meo pae!

Pirajiba - Não sou teu pae. (para um dos selvagens) Vem tu, fiel e valente Su-
curiba; vem, eu te adopto por filho; recebe as minhas armas. Qui importa

O sangue! não como corre degenerado o sangue de Pirajita nas veias de
se vil? filho é o que o coração molhe, e não o que gera a cega natureza. Tu és
o filho de minha alma; eu te lego essas armas: tu guiarás os guerreiros ao comba-
te, tu vingará os Botzocari, e a vontade do ceo será cumprida.

Paji - Ah! misero sangue, a dor te cega! eu não procuras illudir a lei do destino: a
vontade de Tupã é clara. Não podem essas armas cair em mãos estranhas por bri-
cos, e valentes, que sejam. Tec filho as recusa, ai de ti! ai della! ai dos Botzocari!
(Os trovões e a tempestade rugem com mais furor)

Henrique (diz de enxada, de horrora parte) Ah! meu Deos, meu Deos! que horror! cruel fatalidade, eu
me entrego em tuas mãos. (para Pirajita) Abco mãe!

Pirajita (sem voz extinta, e quebrada) De guerra que te ~~de~~ ^{de} ^{eu} ^{meu} ^{de} ^{filho}... ainda ^{meu} ^{filho}, que agia da be-
ra do sepulchro não te volta... uns olhos de maldicão, jura... jura sangue de tua mãe...
jura vingança e morte contra os barbaos algeres... sem peyror sem um so... nem
o guerreiro no campo de combate... nem a criança adormecida no berço... nem o velho
curvado pelos annos, nem a donzella mimosa...

Henrique - Ah!... meu mãe!... que horror!



Sirajiba - Tu te horrorizas, covarde!? horrorizavao-se elle, quando estrangulavao
tua infelix mae?... horrorizavao-se, quando siavao... expirar entre tormentos tua
pobre irmã?... ah!... a noiva da morte... ja se derrama ante meus olhos... Juramento!
Juramento!... onde estas? (Henrique se aproxima) Tem compaixão de teu pae, que mor-
re... de tua irmã, que soffreu... em erro... sem a desrespeitacão de alium... porqu' não
sou eu só... que caio na sepultura... é minha tribu inteira, que tu, fraco e indi-
gno filho... te obstinas em condemnar a ignominia... ao castigo... em morrer, e
nao dizes... por ligaste sobre a terra naao e opprobrio... e a crueldade para mi-
nha tribu... e a maldicão para meu filho!..

Henrique (caindo aos pés de Sirajiba) Meu pae! meu pae! eis-me a teos pés: ful-
ta, ordena: que exiges de mim!..

Sirajiba - Juva...

Henrique - Eu juro!

Sirajiba - Bebe sangue de tua mae!..

Henrique - Bebe sangue de minha mae!..

Pirajita (dando à vez aguçando a fome do tempo) Ódio eterno... vingança... morte... morte aos
Tupacalas!... (caxi nos braços dos índios, que o rodeia.)

Todor. Morte!... morte aos Tupacalas!

Henrique - Esta morte! - ~~Esta~~ (com angústia) oh! desgraça! desgraça de mim!

Fim do acto segundo.



Acto 3^o



O perjúrio.

O mesmo sitio do acto primeiro. Personagens. — Coelho de Sousa, Diogo de Mendonça, Henrique, Elvira, Page, Jubaão, cavalheiros, e soldados portuguezes: humita as suas principaes senas grupos de soldados passão por intervallos irregulares pelo fundo, para indicar a agitação, e preparativos, em que se acha a colonia.)

Scena 1.^a Cavalheiros portuguezes, e Jubaão.

1.^o cavalheiro — Sua duvida grande novidade temos por aqui, que o S.^o capit.^{mo} nos manda convocar com tanta presteza. Só para assistir as bodas de sua filha não era preciso tanta aráfama: ayra! foi-me preciso deitar a galope umas 8 ou 7 legoas, que tanto dista do forte do Cabidelo a estas paraguas! para todas, nunca faria eu isso, sem que eu fosse o noivo.

2.^o cavalheiro — Quas bodas, homem! as bodas, que vamos ter é uma formidavel re-frega com o gentio; esse perro parece, que jurava de não deixar as nossas espadas crearem ferrugem: mas a fé de bom portuguez, que me não hei de saber mal na cassada; todos, em que eu puder passar a mão, é de trarel os vivos ao Senhor

capitão-mor; os mais velhos e o mais seguro é enforcá-los, e engordar com sua carne os príncipes de Parahyba; os mais ferozes trocam o arco e flecha pela machada, e o machado, e trabalho, e rigor com elles.

1.^o Cavalheiro.— É este talhe esse rigor, em extermínio, e perseguição, a que os condemnamos, que os torna cada vez mais indomáveis, mais desobediáteis, e ferozes, e que provoca suas continuaes e fataes revoltas: não é assim que utilisarmos o seu trabalho: seria talhe mais conforme aos nossos interesses chamal-os a nós por meios pacíficos, e os pouco a pouco alliciando para o grêmio da sociedade e da religião, quanto, e quão importantes serviços não deixariamos assim expor dessas tribus errantes, que intrahente se servem para nos perturbá-las, e oppor innumeráveis tropeços ás nossas tentativas de colonização nestas paragens.

2.^o Cavalheiro.— Não esperis nunca emos serviços; elles são indocis, perigosos, e indolentes por natureza: para elles não pod' haver mais termo; ou hão-de vir ao mate, como as feras, ou se quizermos tê-las em casa, haremos de brandal-os rigorosamente amarrados ao espe do captiveiro.

3.^o Cavalheiro.— Não admira, que assim pensios estamos muito averçados ao ri-

gor do despotismo: tambem o governo da metropole não se faz sentir sobre nos nestas
paragens senão por seus vexames, extorsões, e violências, e para nos pelos recursos e au-
xilio, de que tanto precisamos; e finalmente é bem certo que o escravo, quando se
torna senhor, é o peior dos algures.

2º Cavalleiro - Lem dizis, Sr.?

1º Cavalleiro - Nada: não vos quero offender; é uma cavalleira, que nos serve a todos. Somos
demasiadamente cruéis em nosso modo de tractar os naturaes deste paiz; quem sabe, que
povo generoso e forte surgiria dessa raça perseguida e perseguida, se em vez de alge-
mas lhe estendessemos mão amiga, e protectora, se em vez de guerra e de extermi-
nio lhe offeressemos alliança, e amizade?... Infelizes! tem de perecer! a aurora da li-
berdade tem de raiar talvez um dia sobre estes paizes; mas tarde para elles! ja não
seos ossos encontrará!

Julião (interrompendo na conversação) He verdade, meu nobre Senhor, tem toda a razão; mas agora
não é occasião; e coitado daquella, que lá for estender-lhes a mão! ficará no mes-
mo instante coberto de flechas, e mais cricado, que um ovinho-carijó: coitado com
elles, meus Srs! é preciso estar de alcáçã; ou sei o que são bugres; coitado daquella,



que lhes cabem nas mãos

3.^o Cavalheiro - Eu pergunto elles então, Manuelico?

Julião - O que fazem? Jugo no pobre prisioneiro, ^{preendem-no} ~~preendem-no~~ a uma amore pela cintura com grossas cordas, como o santo S. Sebastião, atão-lhe bem as pernas e mãos, e quando estão de pachorra, e que não querem despatcho com um bom golpe de faca na cabeça, depois de lhe darem muita befpada, muita bordada, depois de lhe atirarem pela cara muita lama, muita borralho fervendo, acandem-lhe fogueiras aos olhos, e bem pertinho, e ali se vão assando vivorinho, de maneira que o cético quando solta o ultimo suspiro está assadoinho, e prompto para ir para o papo...

4.^o Cavalheiro - Oh! pois nos cá não lhes daremos as honras de aquilal-os com nossos atomagos: aquelles, que vos caberem nas mãos, que se constituem em ir para o papo dos pés, ou dos olhos.

3.^o Cavalheiro - Então, nada mais, Manuelico? se é só isso que tens a contar nos estás ainda muito atarrado.

Julião - Atarrado! pois não, que com ter chugado aqui ainda ante hontem com um sobre amo, já estou mais adiantado, que ^{com} todos; e não mais, que se vão



fose eu, morrião todos ~~de~~ sem saber como, as mãos dos gúrtios, e não degeraria
que nem a alma se lhes aproveitara. Vi comar esta noite! coisas de arrepiar os ca-
bellos no mais valente!

H.^o Cavalheiro - Ah! forte então tu, que faryaste e descubriste a conspiração do indio? não
devido; estes marabás são velhacos, e finos como as cobras. Que viste então? conta nos
isso. (Todos os cavalheiros se junctam em roda de Julião para ouvi-lo.)

Julião - Mentem, querendo eu reconhecer o terreno desta fitoria, pois sou abillado e curioso, como
o demônio, sabei a canas, e a passear por estes ardores. Quando passava la pelo ~~arred~~
beiradas daquelle terra, ouvi uma gritaria estranha e lugubre, que vinha da floresta;
querendo saber o que era, encaminho-me para lá, não sem algum receio. Ia em anciti-
cendo, quando entrei na mata apesar do ruido, que de instante a instante ia crescendo com
as árvores. Apenas tinha penetrado alguns passos, quando avistie atrahir dos troncos, e
dos ramos o clarão de muitos fogueiras; por cautella veloz e leste como um saquim, fuy
nas arvores, e ~~retor~~ saltando de ramo em ramo, fui me apropriando, até que cheguei a
ponte de ver tudo. Vi uma multidão de indios em roda das fogueiras, cada qual com cara
mais feia, e mais sinistra; parvia uma legião de lobisomens e feticheiras, e só miio dellas es-
tava no chão um camuiver, e sobre estendido o cadaver de um velho guerreiro, grande

como um jeguikibá estendido de virado no meio da floresta, e junto a elle um índio moço em pé de braços cruzados, em uma postura trista, e abatida. Deves ser quando os índios dançavaõ em roda do cadavê, dando vivos lamentos, e saudiendo ardores aceros, que trouão nas mãos. Depois o moço ajoelhando-se curvou-se sobre o cadaver, por as mãos sobre elle, levantou-os ao cêo, fêz não sei mais que pantomimas, e fallou aos índios cousas, que eu não pude ouvir. Uma horrivel gritaria accellio suas palavras, e não se souo mais pelas florestas senão o grido de - morraõ o Guboabas! viva o filho de Pirajiba!...

1.º Portuguez - Pirajiba! ah! é esse índio horrivel, cujo nome foi o terror de toda esta capitania?!

Julião - De certo era elle o morto; e o índio moço, que se achava junto ao camuim, era no filho. Advinhá la agora, quem me parece ser elle?

1.º Portuguez - Quem era? conta-nos.

Julião - Era Henrique; não o conheces? um servo miseravel de D.º Capitão-mór, e que entretante...

1.º Cavalheiro - Henrique!... será possível

Julião - Vê-lo-heis em breve.

Scena 2^a Os mesmos, Coelho de Sousa, e Diogo de Mendonça
Coelho de Sousa—(entrando com D. de Mendonça, e cumprimentando os caralheiros) Illus-
tre, e seus caralheiros, a nossa commum segurança, e salvação reclamaão hoje
os vossos serviços, e nunca desmentida dedicacão. Manifestos signas de levanta-
mento dos Indios se declarão em torno de nós; suas pegadas se multiplicão pelos
caminhos, as cabidas se acardunão, e atravessão as florestas em varios sentidos.
Poderião estes movimentos ser tomados como simples emigracão de uns tribus erran-
tes, se por um favor da Providencia não tivissamos descoberto os seus planos; sua au-
dacia tem chegado a ponto de virem conspirar contra nós mesmo na vizinhanca
de nossos engenhos, quasi ao alcance de nossos tiros. Cumpro por isso os meus
deveres, dar sobre elles de improviso, antes que se reforem, e descarregar sobre os re-
bellões um terrivel castigo, que de uma vez para sempre lhes sirva de exemplo.
Os annos e os incismetos tem a mio peccar sem totham de partilhas commo os mes-
mos perigos e glorias; mas o Sr. Diogo de Mendonça, que aqui vedeo, efferado e illustre ca-
ralheiro, em quem deposito a maior confiança, melhor que eu vos servirá guias na ope-
ra lida, em que vos ido conjunctas. Lembrae-vos, que combateis contra herdas ferros em
povo da causa de Deus, e da civilizaçãõ; lembrae-vos de nosso retho e bom Portugal, para

BIBLIOTHECA NACIONAL
MUSEU DE MANUSCRITOS
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA NACIONAL
MUSEU DE MANUSCRITOS
RIO DE JANEIRO

cujo engrandimento pelezar, e que de longe contempla os vossos serviços; e de El-rei, que saberá generosamente galardear os.

P.^o Cavalheiro - Poderá ficar descansado, S.^o Capitão-mor, e deixar a nós cuidar e cuidar de castigar essa heresia, que nos inquietar. A mimto estamos averados a combater essa especie de inimigo, que se sabe assassinar, e não pelezar; ja muito lhe conhecemos a astucia e as manhas: a emboscada e a surpresa são no unico recurso; mas desta vez, que somos nós, que os vossos colheis desaparecidos, não poderão fazer face as nossas burcas, ainda que sejam numerosos, como as aves do mar.

Diogo de Mendonça - Assim e eu se também, e confiado em vossa experiencia e bravura, conto que daremos a esta empresa feliz e glorioso acabamento. Mas cumpro-vos desfichar e principiar logo com firmeza, e segurança; e portanto, meus valentes camaradas, não periamos tempo; ide bratar de por os vossos guerreiros em pé de armas & immediatamente, e dar logo murro sobre a guarda occulta, onde julgando-se muito seguros, se achão concertando seus planos de recibo, e de matança. Ide-vos, e ficai prontos e apercebidos, que em breve estarei com vós. (sabeis os cavalheiros.)

Julião - (aparte) Bem sabe quantos destes que aqui vão bem poucos, não estarão amantia

no pago do gentio?



Scena 3.^a Os mesmos, menos os caratheivos.

C. de Sousa. (sentando-se.) Rude, e escabrosa é, S^o Diego de Abundancia a vida do homem, que sem se estabelecer nestas longuinhas, e insultar paragem! Atravessar o Atlantico, expozendo-se a desastrosos naufragios, para oppostas nestas praias inhospitas, penetrar por rotas invisíveis e desconhecidas, exposto a cada instante a ser assaltado por uma fera, uma serpente, ou por um bando de barbaros, arroidas rudes e contínuas fadigas, ja para debellar essas hordas, ja lutando contra a agreste e bronca natureza de um solo virgem, para nelle lançar a primeira semente de uma civilização, cujos fructos se tarde ou não virão a colhar os netos descendentes, - é preciso muita coragem, muita dedicacão! Apenas tendo acabado de subjugar uma dessas cabildos, e que vos julgues de posse tranquilla do territorio, eis nova invasão vos bate à porta, e vos vem bradando-alerta! Em vão tinto nullo feito os mais terríveis e exemplares castigos, nada os desalenta: será talvez mister matar até o ultimo dessa raza maldita, para respirarmos tranquilos. Cabe em a naroca a eutimia, que não o mim, que ao peso mais dos trabalhos, que dos annos ja me sinto alquebrado, e abalado.

D. de Mendonça - Não nos pode injurar senão reinos em ajuntamento de índios, que com algumas cargas se desjursara; e o resultado será termos mais alguns escravos, de que tanto precisamos para empregar nos trabalhos de nossos estabelecimentos. Assim não fare essa sublevação acompanhada de tristes circumstancias, que eu bem quizeria occultar-vos, pois temo que bastantemente vos affligão.

C. de Sousa (com impaciencia) Dizei-me tudo; corre-vos o dever de tudo declararme, embora com isso me deya affligir.

Diogo de Mendonça - Tendes visto de ante-hontem para cá o vosso irmão mais velho, e qual servidor, eu antes o vosso incomparavel amigo Henrique?

C. de Sousa - Não; e nem me é isso estranho; é seu costume vagar pelas matas, para o que tem plena liberdade, e bem que seja bastantemente civilizado, ainda se applica algum tanto aos habitos de sua raza.

D. de Mendonça - E nunca consultastes reinos, de que elle se ligue com os seus irmãos da floresta para nos atraírcos?

C. de Sousa - Nunca! oh! nem pensar nisso! não posso comprehender, a que alvo atirao semelhante perquirita.

D. de Mendonça - Perdão-me; queria com ellas emaminhar o vosso apuro para
vos não fover de chope revelações, que, si, irão fover-vos de lóros amuntá e co-
ração. Sabi pois, que esse fiél Henrique, esse irresistivel amigo é um traidor!

C. de Sousa. (com apuro.) Henrique um traidor! que me dizis, S.^o Diogo de Mendonça?!

D. de Mendonça - A verdade, S.^o Cap.^o mór! Elle é o author, e elle é o chefe da conjuração dos
selvagens.

C. de Sousa - Vós o dizis, tanto basta-me para acreditar. ellas porventura não po-
da haver engano de vossa parte? Que provas tendes, de que dizis?

D. de Mend. - A prova em breve os acontecimentos vo-la darão a mais completa possi-
vel. ellas ahí ainda não vos disse tudo; sabi mais, que esse insolente selvagem
tem a audacia de amar vossa filha...

C. de Sousa. (com surpresa, e indignação) Que! Henrique amar Olívia?! Henrique! Henrique
mesmo?...

D. de Mend. - Sim, Henrique mesmo, e para franquear a barreira invencivel, que o separa
della, trata agora de nllévar os selvagens, e vem salver jubir vo-la com as armas
na mão.



Coelho de Sousa - (com angustia) Justo Deus! é possível que naquella oração tão
pouca feita tamanha desobediência! e eu, que incauto acubiti e affoguei em meu sio
a ribeira para mi ella morder tão dolorosamente e cruelmente e coraçãõ! (com raiva)
Morra mil mortos e vil traidor, que suou profanar com nos olhos o thesouro querido de mi-
nha alma; risquem-se para sempre da memoria os seus serviços, que ficaram para sempre
apagados sob essa hedionda neblã, que os cobre!

S. de Mendonça. Este miseravel conservou os dias de Elvira para profan. Foi para pro-
fanal-os com seu amor maldito, que esse miseravel conservou os dias de Elvira! e em
tudo da vida, que lhe salvou, pede-lhe o coraçãõ, pede-lhe a heura! Ainda bem, que aqui
chego o tempo para salvar a da infancia... para sustela com meu braço em sua desam-
parada queda!...

C. de Sousa - (com agitação) S. D. de Mendonça, deus cõra quanto antes a essas
hordas malditas, a guerra, a pernguiaõ, o ferro, e o fogo sigãe-lhe no mialhe; não
lhes deis quartel, nem perçois a sustenir! E o mulher deller é isto, que estãe ven-
do. Não sustente de derramar o inandio, o recubo, e a matança, inimicãe-se a todos, co-
mo a serpente no recinto de nossos laços, para trazer ao sio de nossas famílias e ve-
neno da deshonra... Adios, S. D. de Mendonça; vossas revelações mi acabrãe havãe;

sinto-me muito agitado; ei mister de repouso.



D. de Mendonça. — Permitti, que vos acompanhe...

C. de Sousa. — Não; não é preciso;...cumpram-vos antes de tudo tratar de curar o malvado. (sa-
e)

Scena 4.^a Diogo de Mendonça, filho, que se encontra em alguma
distancia.

D. de Mendonça. Sobre pois! ainda não sabe mais metade do seu infortunio, e ja tan-
to se afflige!... Que diria, se soubesse que olivira com seu vergentoso procedimento lhe
macula o nome, e lhe deshonra as cãs!... se soubesse, que sua trulhada filha prohi-
be seus sussurros a esse misero selvagem!... Não quis dizer-lhe tudo; não ousi becar
negar sobre seu coração de uma so vez todas essas torturas: pozemos o coração de
um infelis pai, si bem que um breve forca lhe irá saber de tudo: (pausa) & quem
sabe!... será possível, que a bella e nobre filha de Cestivo de Sousa a tal ponto olvide
o seu nascimento, e menospreze sua honra!... Por mais, que me o digão, meu coração se
recusa a acreditar o... Ven cá, meu fil' João, diz-me, é bem verdade, que ella o
ama!... quem sabe, se desta vez trahio-te a tua demostriada penetração!...

37
Julião - Já não é a primeira vez, e creio que não será a última, que meo no-
bre amo me foi cosa pergunta. Já disse a meo amo, que foi o proprio Henrique, que
m'e assegurou elle não é nenhum tolle, e sabe muito bem, e que diz, e de facto as mi-
nhas observações me fazem crer, que com effeito elle não mentio. e agora se responderei
a meo amo, que espere, que o tempo o mostrará.

D. de Mendonça - (com furor) Firme bem um d'apparacer da minha presunção,
insolente belumim! mas não espere encijar a minha vingança; não; tua cabe-
ça deve cahir, como presente nupcial, aos pés d'uma mulher insensata!... Se ella é a
ma, melhor ainda!... dobrado será o prozer de uma dobrada vingança!... E foi para
tão cruelmente escarnecerem de mim, que aqui me chamarão? E esse velho estava
acaso cego, que não via os demandos de sua filha, que não lia um nos olhos sua
torpe, e miseravel paixão?... Ah! caro lhu custará o escarnio, que me coisem na fron-
te. Ei-de disposal-a, eu o juro: ei-de disposal-a, ainda que não seja viva para fa-
zer-lhe sentir todo o pere de minha vingança; e no dia das nupcias dar-lhe-ei em
espectaculo o cadaver de seu linde selvagem, justicado de frente das panelas de mor-
sa camara aporento nupcial!...

Ulcão - Bem falado, mas sobre isso; assim nada mais fará do que pagar-lhes na mesma moeda; também a melhor festa, que pode haver para esses meus amaldiçoados parentes, é esfolar, e mequear o pobre prisioneiro, que lhes cai nas mãos. De minha parte não ex-
ciar vejo ali dependurado com uma palma de língua de fora, que não gorte nada de tal penho, com ares de namorado. (olhando fora) Oh! ali vem ella; não sei por que tanto gosta esta Sr.^a D. Elvira deste lugarinho?... parece-mo que esta procura lhe foi bem ao coração...

D. de Abundância - É Elvira?... ah!... cumpre distanciar-lhe a minha agitação, e o meu gosto venustissimo; talvez provoque lançar-lhe um sorto na indigna paçoça... será provocar uma declaração, que pode estorvar o bom exito de meus desiquios... Não é possível que por si mesma oure declarar-se vergentoso amor;... nenhum pretexto terá para recusar a minha alliança, e não terá remedio senão curvar-se ao destino;... será minha, e só quando de direito me pertencer, então sim, puder-lhe eu contar estreitadas... (Entra Elvira triste e pensativa, e sentar pela primeira de D. de Abundância se senta em uma cadeira.)

Scena 5.^a Os mesmos, e Elvira.

D. de Abd. - Senhora....

Elvira (sobressaltada) - Mentavreis aqui?...

D. de Abd. (com riso irónico) - Sim, bella Elvira, cuidavreis, que era algum sobraquim?... desculpa-me



se sem queirer, vos assustai... que tendes, que vos vejo tão abatido, e consternado? permiti, que vo-lo pergunte, ainda que bem sei, que não sou proprio para vos consolar.

Elvira - (com umbaraca) Não é nada, Sr. Cavalheiro... e que peioria não... mas a guerra... os indios... me fazem medo.

D. de Mend. (com amargo sarcasmo, que Elvira não comprehende) Medo dos indios! Oh! Senhora, á tanto tempo, que os conheço, não sei que já estivesseis mais averçada... mas tendes razão... por com mãos auspicios penetrar nos umbraes de vossa casa, e parece que ha' umos de solminiar nesse convívio com uma festa de sangue....

Elvira (a parte) É de lagrimas....

D. de Mend. - (continuando o mesmo sarcasmo) Parece, que pisamos em um terreno solapado pela traição... o indio é feroz... a vingança implacavel (parangando nas palavras com interjeção sinistra) Quem sabe se o sangue de vosso amante não serva o primivo, que vira fugir esa terra, em que pisas?..

Elvira - Oh! não... Deus protegerá os vossos dias; tende mais confiança em sua bondade, e no valor de vosso braço.

D. de Mend. (a parte) Em breve me comprehenderá melhor. (alto) Sim, bella Elvira, confie em Deus, e em meu braço, que se de costar com o fio de minha espada o tra-

ma sinistro do artute rebagem. Permitti, que me retire; meus deuses me chamam
meos camaradas, só esperão por mim.....



Sena 6^a Elvira 10.

Elvira - Homem terrível! seu olhar lançava vingança!... só se aporá um pensamento de sangue!
Ah! e que esse bastardo algar dos rebagem seja também destinado por meu pai a ser tam-
bém o algar de meu coração! - Oh! não! não! nunca o verá! (passa) É que será feito de meu
pobre Henrique, que des do dia fuma da chegada desse homem fureto ainda não foi visto?
Quem afugentou de meu bosque o terno sebio, que com sua voz encantara esta solidão,
e me embalsava o coração em sonhos de ventura? Transviado por esse deus-toi, quem sabe
terá sido vítima de seus companheiros da floresta! - Se souber quanto soffro, depois que esse
homem de maldição appareceu entre nós, não me teria desaparecido, teria ficado jus-
to a mim para me consolar. ~~Se~~ Oh! todos me abandonão; até Elvira, que nunca fugia de
meu lado, me deixa sozinha, e perdida no horror de meus tristes pensamentos!... Entretanto
meu amor é puro: é filho da gratidão e da estimo; minha consciência não o reprova: e
porque cede eu ter piço de comparar ~~o~~ ~~homem~~ perante os homens, aquillo que não enou-
dava aos olhos de Deos? é assim, que essa cruel sociedade converte em verdades

Tormentos as mais puras aspirações, os mais deliciosos impulsos do coração!... A
mor infante, e desastrosa é este meu!... E eu cega, e incauta, que com tanta compla-
cência o affaguei nos seios d'alma!... Já agora não me é dado recuar: bem, ou máo,
baixo ou nobre, santo ou maldito, este amor tem de morrer: convingo para ar-
rancal-o daqui, forço seria tambem com elle arrancar-me o coração!... (Entra Hen-
rique com ar torvo e sombrio, e com passos inebriados se avvicina.)

Scena 7.^a Elvira, e Henrique

Elvira - (com alegre agitação) És tu, Henrique? ainda bem, que tenho a ver-te!
quanto me affligia tua longa ausencia!

Henrique (com voz sombria, e sinistra.) Sim, tornaer-me a ver, Sinhora; mas... pela
ver derradeira!

Elvira - (com espanto.) Pela ver derradeira!... que dizes?... pois queres nos fugir?... que mal
te firmos nós, Henrique?!

Henrique - Meu mal?... ah! não me interrogues, Sinhora!...

Elvira (com inquietação.) Oh! meu Deus!... que ar estranho, e sinistro tem hoje? que
tem Henrique? o que te succede?...

Henrique - Ah!...

Elvira - Falla... Não me atendes? falla; em teu silencio me desespera!

Henrique - (com tristura) Ah! por que viver eu a este lugar?... por que impudente, e ego corri
so vosso encontro?... em não quero fallar-vos a palavra gela-se de horror em meus labios.
Eu nada posso, nada sei dizer-vos, senão que vos amo snicto, oh! mais que nunca, e que
mais que nunca sou desgraçado!

Elvira - ~~Oh!~~ Tu és desgraçado, Henrique? ah! bem o sei!... e eu? por ventura sou feliz?... acorda-te
occas, que eu viva risouba e satisfeita?... E por que me fages?... por que me queres tão cru-
elmente abandonar? Qual será o consolo dos desgraçados, senão quizerem-se jun-
tos, e confundirem suas lagrimas?

Henrique - (com lre suspiros de arrebatamento) Não infeliz?... não, a bella e nobre filha do Cap^m meo
Coelho de Sousa, a adorada esposa do illustre fidalgo Diogo de Albuquerque!

Elvira - (com desgosto) Ah! não fallar assim: tambem tu, Henrique, queres incarnar do meu in-
fortunio? Se me amas, não me fallar desse homem, que abomino, desse homem, em cuja
fronte minha vi gravada a sentença de minha perdicao, desse homem, que surgiu
em nosso caminho, lugubre como um jibautama de malocção!

Henrique - Embora!... Dona Elvira, eu não posso, eu não devo mais amar-vos... seja para
vosso bem a brilhante união, que ideis contrahir!... sede felizes!... Quanto a mim, ah!

não pergunteis mais pelo pobre indiano, a quem um dia affagaste com os vossos sorrisos: fugi della, como quem foge de enfurecido tigre; fugi della, que suaigna está escripta no ceo em caracteres de sangue! - Adios, as bruchas me expusão; de la sabei; a ellas me deixei.

Elvira - Ah! 'meu Henrique' é amado, que comprehendes o amor? - é com a recompensa, que destinavas á minha ternura, e lealdade? Por ti eu já rejeitei o esposo, que me querum imperor, arrostar a authoridade de um pae, que me adora, affrontar o raucor de um homem, que apira á minha mão, soffrer o dardem, o insulto de todos, e tu me abandonas, 'meu Henrique'! - Em mal te fiz eu, para assim me abandonar tão sozinha, tão desamparada no mundo?

Henrique - (com angustia.) Não, D. Elvira, não me fizeste nada: mas... um rospo de malícia mirrou para sempre as flôr de nossa esperança! - escutae-me; quero contar-vos uma historia: quiz o ceo, que um dia o casto e mimoso lúrio dos jardins do branco nasusse na bronca terra dos adora^{dores} de Tupã. O robusto tronco do deserto amparou-a com sua sombra, e reguardou sua fragil existencia da furia da tormenta, que ameaçava ensiquilata; e a flor sorrindo-lhe agradecida, embalsamava-lhe a coroa com suas aromas, que lhe mandava nas aras da vivação. Mas um dia o furacão da morte rugio-lhe pelas ramos, e

o tronco desalando com todo o peso de sua ruína emagou a pobre flor, que a sua
sombra se obrigava! Ah!... porque um bester o vosso amor?... porque encostastes a fronte
branca e pura como as penas do quará sobre o peito maldito do infeliz selvagem?
Quanto fora melhor, que me olhásseis com intranscendível ódio! D'Elvira, D'Elvira, eu
vos peço por piedade, odia-me, detesta-me; amais o deus; vosso amor para commi-
go é um crime; um crime, como que offendeis o céu e a terra!...

Elvira (a parte com arroubro) Oh! Deos!... que estranha, e incomprehensível linguagem é a sua!...
(alto) Tu me aterroras, Henrique, e eu mal te comprehendo. ~~Tenho~~ Os meus espiritos
da floresta te inspirarão uns sinistros pensamentos, ou um injusto crime te habilitou,
e te desvaira. É esse homem, que me quer para esposa, que te inquieta?... tranquiliza-te, Hen-
rique, que nunca verei delli. Por ventura não é tu o companheiro de minha infancia,
o irmão de minha alma, o genio tutellar de minha vida? este ar, que respiro, esta luz,
que me illumina, por ventura não é a ti que o devo?... este olhar, que te viu, estes labios,
que te fallão, este seio, que por ti palpita, esta coração, esta alma, esta vida, tudo, tudo
isto por ventura não te pertence?... É que te impoza um homem? algum dia o vi?
que direitos tem elle à minha mão?... Oh! nunca, nunca sonhei delli!... prefiro seguir-te
através de sertões bravios, exposta a todas as injurias da natureza e dos homens, do que



nas brechas, ou nas cavernas, ouvindo o bramido dos selvagens, o rugir dos tigres, e sibilos das serpentes, sofrer com foga fatigas, a fome, a sede, o frio, antes quero tudo isso, antes que persistir um só momento á cutreza, que não seja o meu Henrique!

Henrique - (com singular exaltação) Elvira!... cala-te!... cala-te por piedade!... não falls assim, que me perdes!...

Elvira. - Não consentes, que te exprima o meu amor?... tu vae fugir-nos, e não me permittes ao menos o consolo de dizer-te, que te amo!... (com tristonha) Assim pois, todos me abandonão; esgotar-sei, sem ter ao menos, quem me lastime, todo o fel de meu sacrificio; expiarei sozinha, e ao desamparo o meu fatal, e irreparavel erro!... Vae-te, Henrique; assás punida estou de te haver amado: julgara-te superior aos da tua raza; com pezar reconheço, que não és mais que um simples selvagem. Vae-te, e eu sozinha, e em triste desamparo arrastarei até o tumulo meu lugubre infortunio, e morreréi, máo grado tua feia ingraticão, com o teu nome nos labios, e a tua imagem no coração. (vae satis.)

Henrique (precipitando-se aos pés de Elvira) Perdão, perdão, Elvira! eu sou um desgraçado, um pobre selvagem; que não sei o que faço, nem, o que digo; eu sou um leão, perdõe-me. (neste momento vae passando pelo fundo uma turma de indios

capitulos, trazendo ao hombro enxada, machado, foices, etc., e apor elles souz ou tres
feitores armados.)

Um Indio—(olhando para o céu.) O Tupã, quando chegará o dia da vingança, e da liberdade!

Outro—(dirigindo-se aos companheiros, e apontando para Henrique.) Anhangá puriga o covarde, que não se peja de ajoelhar diante de seus olhos!...

Outro—(dirigindo-se a Henrique.) Tu és um vil! és a affronta dos filhos de Tupã, tu que arim
beijas os ferros da escravidão!—(acabão de passar.)

Henrique— Ouvisti?... o que murmurão esses infelizes?... é meu pai, que os manda para reanimar
meu coração, que fragueara nesta terrível luta!... meu pai, meu pai, mesmo a
luz da campina te me brada:— vingança, meu filho, vingança!...

Henrique. Tu te arreivas, pobre Henrique!...

em delírio.) Não! eu ainda o vejo: fui eu, que o estendi no caminho da morte,
arrivel seu aspecto!... sobre sua fronte torva pairava ainda o genio da vingança,
e seus olhos sobre o seu cadáver o tremendo juramento! fora o testemunho
céo, a noite, os astros, os troncos, da floresta, e a tribo dos guerreiros!... Terri-
o lugar! tremendo o sacrificio!... Ah! não, Elvira, eu não te posso perdoar,

Henrique. — Tu
Henrique. (

era
ca!
nhas
vel

Sage (aparecendo pelo fundo, emquanto os soldados sahem com Henrique) Não,
traidor, sae receber o premio de teu atroz perjurio!

Fim do Acto terceiro.

Acto 4.^o

O Sacerdote de sangue, e o sacerdote de pão.

Uma prisão singela, e tosca, com um simples leito, sobre o qual se acha um pobre Henrique, com os pulsos algemados, e atado a um grilhão, que se prende à parede com uma argola.)

Secra.^a Henrique so.



Henrique.

Quando me acabarei com esta vida atormentada?! Há deus compridos meses, que aqui me guardão repletado na medonha solidão desta carcere, sem que eu e um que ate o alimento me vem por esta estreita fresta, sem que eu distinga a mão caridosa, que me o vem trazer! nate humilde, em que morri para o mundo, e se vivo para minhas dores!... Humilde horrivel, que encerra todas as torturas da vida sem ter o repouso da morte!... E vos curae chamados de barbaros, vos, que haõ fecundois vos mostrae em inventar estranhos, e malditos tormentos!... O tigre do selvagem carnaga o tronco da victima, e si um momento a derriba no chão sem vida, o tigre ao primeiro bote ferra suas garras no coração da ~~victima~~ presa; mas vos poupaes o corpo para poder ananhar a vontade a alma entre lentas agonias, e ~~condes~~ ~~um~~ ~~per~~ ~~em~~ ~~as~~ ~~dolentes~~ ~~armas~~ ~~da~~ ~~morte~~, e queimas nos a existencia no fogo lento das torturas de coraçãõ!... Não importa: soffreres! não me ha de escapar

uma só queixa; não me há de ouvir um gemido. (pausa) Ah! que não sei, como até ter-
niveis juramentos, que aqui me fervem de continuo, não me têm de todo apazgado o riso! - Ora
é a imagem de meu pai, que surge ameaçadora diante de meus olhos, e me bradta vingança!
ou o prage, que me apparece sobre um montão de cadavres, indigna irado e terro, acobardan-
do-me com o peso de suas maldições!... ora é o grito de traidores, que ronge os labios indigna-
dos de Boelhe de Sousa; ora é Elvira, que soffre, que por meu nome hebe salvar todo o fel do
infortunio, Elvira, que geme, e que se debate entre as garras do vingativo Imboaba!... Ah!
~~que não poderia arrancar-me daqui esta que noite e dia me queira~~ não saber eu, o que
vao neste mundo, que desta de mim apenas alguns pontos, e que me é vedado, como se entre
suum e elle medeasse a immensidade!... (pausa) Quem pudera arrancar-me daqui esta in-
placencia! jur-arrastor, que noite e dia me queira e arbro, e me devora o coração!...
(depois de reflectir um pouco, com triste resignação) Sim! sim!... para mim estão fechados todos
os caminhos da vida! a morte é meu unico refugio. Elvira, o minha adorada Elvira, ja que
não poder ser minha, ao menos deixem-me morrer por ti! tu chorarás lagrimas de seus
bellos olhos sobre a sepultura do infeliz americano, e não o amaldiçoarás, por que o a-
maras. Eu vivo do mundo das sombras, ~~ou grito ao vento~~ visitar-te n'um raio
da lua, ou gemer no t'rauro da palmeira junto a tua janella; vivo consolar-te, por



que sei que não queres bem ao maldito boubaba, e me juraste não te carar com elle.
Essa religião de um Deus de bondade, e das verdades tantas vezes por teos bellas labios me ensinaste, nos dar que há para os infelizes uma patria melhor alem dos astros, onde não tem poder algum o odio, e a injustiça dos homuns: ta, obvia, um dia nos encontraremos para sempre eternamente felizes (abre-se a grade da prisão, e entra o pagé abalado, e torvo.

Scena 2.^a O mesmo, e o pagé.

Pagé (com voz sobrum e trista) Filho de Perajida!

Henrique (com sobralto) Quem me falla?... quem ousa aqui penetrar?... Ah! es tu?... ainda aqui, pagé?... ainda aqui me persegues, hediondo phantasma, mensageiro de lagrimas e sangue?...

Pagé - Ainda!... ainda aqui venho bradar-te - Vergonha! gy, mórta! maldicão sobre o perjuro!...

Henrique - É como ousante aqui entrar neste sinistro recinto, vedado até a luz do dia, e ao sono da virgão?

Pagé - Não sabes, que os manitos protegem os passos do pagé, e que podem, se lhes aprou, abrir-lhe o caminho até pela noite paroxica do sepulchro? Não sabes, que elles vagarão in-

invisíveis nas aras do furacão da noite, e que a seus trunfados conjuros quebrão-se os fet-
telhos das privações, patintra-se o seio das mammosas, e allumia-se o horror das su-
quithuras? Ouve-m, indigne filho do mais valente dos chefes; ouve-m, e talvez
~~assumam~~ se te acordem num coração enlucido os apagados brios!

Henrique - Taba, pagé, mas não exeres cavar ainda mais fundo o abismo, em
que me precipitara.

Pagé - Depois que viciu como um vil, quebrar o mais trunfado dos juramentos aos
pés de uma mulher, os brancos derão fé de sonos movimentos, e cabirão sobre nós de
surpresa: foi terrível a matança, indomável a coragem dos guerreiros de Teyra! in-
cível coragem! poucos ainda, disjurosos, e mal preparados, e sem fé que és no chefe, e
na última esperança, ter mirros innãos, salados, mortos, perseguidos de breucha em
breucha, derão com seus cadavens parte banguete aos ventos do ar, e aos lobos da flo-
resta. O fogo devorou o que o furo poupará; mulheres, velhos, crianças, jarem squil-
hados sob um montão de cinzas, na taba, que o incendio devorou. (com voz troan-
te de indignação) E todo esse sangue, derramado em gorros, cabe quente ainda sobre
sua cabeça maldita, e não te suffoca!... e o grito de tantas victimas troa aos seus



curtidos, e tu não tremes! e não te fulmina o raio da colera de Tupá?!

Henrique - E por ventura tambem não sou victimã?... não são os meus os meos algoris?
em breve não irá tambem meu sangue mesclar-se ao denis infelices?

Pagé - Escuta ainda: em teu sangue nos é precioso; elle pode ser ainda poupado, ou
sobremmente derramado no campo da libe. - Dyzio de tamantob desastre fiquei só
gemendo união na minha caverna solitaria, onde os maibos mudos e consterna-
dos não repandem mais aos meus conjuros. O resto dos guerreiros, que escaparão
ao ferro dos brancos, embrenharão-se pelas selvas, dispostos a ir buscar no rio
dos mais profundos seitoses guarida segura contra os oppressores. Já vão longe
em sua fruste peregrinação atravessando rios immensos, empinadas serras, im-
penetráveis brechas, quando encontrarão uma grande tribo, que vinha fu-
gindo de igual perseguição la das bandos do rei dos rios. Sentarão-se a som-
bra da mesma tala, fumarão juntos o copimbo da paz, e ceitarão-se mu-
tuamente suas desgraças, e jurarão amizade e alliança eterna. Ei-los que vol-
tao, occultando cuidadosamente sua marcha pelo rio mais escuro das flo-
restas; ja não estão mui longe, amanha mesmo, se o quizeres, a um só acesso

ho aqui se acharão. Elles vivão quebrar-te esse ferro, proclamar-te chefe dos chefes, guiados por te roarão ao combate, e recobrarão a liberdade, e a terra de nos páes, ou morrerão a morte dos heróis.

Henrique - E porque não vens sem mim?

Page - Não depressa te esqueceste as predições do céu, reveladas pela voz dos manceiros? não sabes, que em te repousa sua ultima esperança, que em tuas mãos está a sua sorte? Vem, filho de Pirajuba, corre a conquistar a mais bella gloria, que jamais ornou a fronte dos guerreiros de Tupã.

Henrique. Page, não sabes, que minha cabeça é do patíbulo, e que meu coração é de Elvira? Não dizes a esses valentes guerreiros, a quem o céu proteja em seus generosos esforços, vai dizer-lhes, que Jurupema já não vive, que Jurupema é do humulo. Não te dirá-me # morrer por ella, e junto della!

Page - (com indignação) Insuperavel! Se a vida, a liberdade, a gloria já não achão echo nesse coração infamado, nem ao menos a vingança tem poder de arrancar-te a esse vil abatimento? Dize, mal-aventurado Jurupema, não tens vontade de trincar em teos dentes o coração do teu rival?...

Henrique - Oh! se a tudo!.. Page', nem tu podes avaliar, quanto odio me fermenta aqui neste coração!.. (para um pouco, como quem reflecte.) Sim, page', fallor certo... vingar-me! ao me nos vingar-me!.. onde estão elles? onde estão esses guerrilheiros?.. são invictos? são valentes?

Page' - São numerosos, como os troncos da floresta, fortes e robustos de sangue como o jaguar!

Henrique (com vivacidade) Vae, page', corre a annunciar-lhes, que chegou o dia da vingança; que no chefe os aguarda. Sim; hei de vingar-me; hei de embiber o meu punhal sequioso no coração do vil, que osou arrancal-a dos meus braços, calar aos pés o no cadaver, abandonal-o aos cães, e depois... correr a ella, e... com esta dextra ainda ensoxada de sangue do infame.....

Page' - Sacrifical-a tambem!

Henrique - (estremecendo de horror) Sacrifical-a!?

Page' - Assim o juraste.

Henrique - E tu osas dize-l-o, page'?.. Oh! não!.. apertal-a ao meu seio, e, se possível fosse, guarda-la em meu coração.



Pagé - Lembra-te, que deves em sangue aos manes de Pirajiba; lembra-te
que elle deve correr em troço do sangue de tua mãe, e de tua irmã!

Henrique (com indignação) E por ventura foi ella, que as immolou?... vae-te, ho-
mem de sangue; vae-te, nem mais te eu veja.

Pagé. Jurysama, escutar não será mister, que tu mesmo a immoles. e tua mão
vacilla, outro braço a ferir.

Henrique (com ameaça) Oh! vinda, vinda vós, que a quereis immolar: vinda, e achar-
me-heis ao pé della rugindo furioso como o tigre, e um após outro ireis cahindo
à meus pés, como cahem ^{o vento} ~~o vento~~ aos golpes da foive do escravo. - O pagé, tudo, tudo
eu deira pela vingança, nunca s'olvida! eu deira todo o meu sangue para arredar de ao pé
della a mais leve sombra de jurigo: e ai daquelli, que ousar tocar-a! ai d'elle!...

Pagé (com amargo sorriso) Pobre escravo!... não ves, que nem braços tens?...

Henrique (em furia) Cala-te, pagé; o amor, e o desespero dar-me-ão forças de gigau-
te; eu arrancaria estas paredes, e as faria desabar sobre vossas cabeças!... (acalman-
do-se) Abbas eu te desculpo; tu não me comprehendes, tu não sabes o que é amor.

se a visser, pagé, se a visser, como eu vi, palida, delirante, transida de susto, e de
dor cair sem accordo nestes braços... o tufão derribou a fragil palmeira nos robu-
stos braços do visinho jeguitibá: maldito dellê, se a não ampara! fulminado seja, e
consumido no mesmo instante pelo fogo do ceo!... se a visser, pagé!... ah! Elvira,
quem para te salvar, não arrotara então todos as iras da terra e do ceo!?

Pagé - Mas disse-me, fraco, e effeminado indiano, o tronco rei da floresta para salvar a
palmeira tomba com todo no peso sobre um povo infimo, que a sua sombra
se abriga, e a esmaga sem piedade?

Henrique - E por ventura não é elle a primaveira, e a mais desgraçada das victimas?

Pagé - E que dizem os valentes guerreiros da liberdade, quando minha voz lhes annunciar
que o filho de Birajiba se recusa a conduzil-os ao combate, e só se apria em banhar
de lagrimas nos ferros? Onde acharão injurias bastantes para amaldiçoar o
no nome?

Henrique - Mas Elvira o abençoará.

Pagé - E em nome sem cuidado entre as maldições dos vivos, e os ossos de nossos avós entre-
meião de horror nas frias igarapás!...



Henrique - Mas Elvira ao ouvir-o, vertera uma lagrima.

Page (com impaciencia, e colera) Basta, vil blasphemador! basta, que em teu fallar me enoja! Votado estás á eterna maldição dos vivos, e dos mortos, dos teos, e dos estranhos! o estrangeiro cuspir-te-há na fronte o insulto, e teos irmaos te expulirão com horror; a murra terra recusaria receber em seu seio teos ossos, e teos manes vagarão afflictos pela região das trevas eternas!...

Henrique - (impaciencia e colera) Vae-te, sinistro conselheiro de desastros, vae-te, sacerdote das trevas; vae buscar a tua borda ferri, traze-a para estes legaos, destrui, arraaas, matae tudo; mataes em a mim tambem; - em que vos sou necessario para derramar sangue?.. não sois tantos, e não valentes? oh que vos serve mais um braço!.. e um sinim não tundes coragem?...

Page - Sim! vivamos... vivamos mortos morte heroica diante da vida da escravidão, e tu morrerás a morte infame do escravo...

Henrique - Heroica aos olhos de Elvira!

Page - É essa mulher, e esse estrangeiro verão das janellas de ~~teu~~ seu apartamento os corpos e os cães disputando entre si o teu cadaver, e servirão de esarneo!...

Henrique - Ella!... oh! nunca, page! nunca!...

Page - Sim, ella, essa mulher, a ~~que~~ ~~offerece~~ ~~em~~ ~~holocausto~~ cujos pés sacrificas a



vida, a liberdade, a tribu inteira, essa mulher mal se dignará dar-te um olhar de compaixão, e apenas se lavar das mãos a noção de teu sangue, Não digressa também teu nome estará varrido da memória dellas, e elle e ella no rio da paz e da felicidade só tractarão de viver nos braços um do outro longa vida de amor, e de ventura!...

Henrique - (no auge de desespero) Nunca!.. Não te, agouroiro phantasma, vil urtidor de scenas de lagrimas, e sangue!.. não creio mais em teos embustões.. por ventura já não me tornaste o mais desgraçado dos homens? que mais queres de mim?

Page - (com voz forte e solenne) Sim nome de Sr.azita, tio pae, cu tu amaldiçoas! (sahe)

Scena 3.^a Henrique, e Julião.

Julião - (entrando pela grade, por onde sahira o page) ~~o page~~ (a parte) Ah!.. graças a Deus, que lá se foi embora o tal reverendo page!.. não houve remedio senão introduzil-o, pe-dio-me com tal modo... além de que tenho ~~uma~~ muito medo dos teos feticheiros;.. elles tem pacto com o demónio, e não quero por maxima nenhuma incorrer em uma indignação! já me estava dando bastante inquietação;.. fallava tão arto, que parecia trazer nos pulmões uma trovada inteira!.. em risco de me comprometter!.. o que vale é que meo amo

inteiramente occupado com o seo caramento, não se lembra de mais nada... Vãmos agora cá ao nosso prisioneiro. (olhando p.^o Henrique, que se comera a sentada, unbolido em seus pensamentos.) Veitade! como está figurado! fãz de l. este mio amo com effeito sem coraçã para tudo! mas tambem o abreviamento do lugar não era para menos. E veja la, que boa joia, que tanto recomendarã á mio amo! por que salvou a Sr.^a D. Elvira das pontas de um Louro! e ~~co, que não temto~~ o pobre Juliã, que não tem privilegio de salva-vidas, e dá graças a Deor, quando pode salvar a ma pelle, havia de ficar por dhi lançado a margem! mas Deor amim não foi servido. (para Henrique) Entã, irmão, está mais contrito? (Henrique conserva-se mudo, e immovel). Oh! pois o seo compasso, esse veneravel ermitão das matas não o pôde confortar? Tanto peor; amanha morrerã impunito.

Henrique - Eu direi, mamulho! ^{amanhã?} ~~matas em confiança?~~

Juliã (à parte) Oh! ja falla! (alto) Sim, Senhor, amanha com o favor de Deor. Pelo que vejo, está muito alheio às novidades, que vão por esse mundo.

Henrique. Como hei-de saber nada, se á obus meus aqui não echo voz de vivente algum?..

Julião - Ah! é verdade: nem me lembrava... pena é, que as paredes, assim como a casa
que tem ouvidos, não tivessem também oia para ouvir-lhe alguma coisa... (Pois saí-
ba, que depois, que morreu o Sr. Capitão mor....)

Henr. - (com surpresa) Coelho de Sousa é morto?

Julião - É esta?... pois nem isso sabe?... está morto, e sepultado á muito tempo, (nom malicia) e
consta, que para natal o concorrerão muito os desgostos, que teve em razão de certas in-
fregas amorosas, das quaes supponho, que está bastante infervado.

Henr. - (com indignação) Cala-te, insolente!

Julião - (a parte) Ora quem manda me calar!.. (alto) Brádivia, camarada; escute o resto.

Henr. - (com dor) Tu morrest, Coelho de Sousa, meu unico amigo, meu generoso benfictor! bem sei
que nunca approvarias o meu amor, que até o repellerias com indignação, que vês outros os
brancos tendes singulares caprichos; mas nem por isso deixarei de viver a tua memo-
ria. Ah! que não tenha eu neste olho mais nem uma lagrima para dal-a ás tuas
cunhas! - É Eblizia? a infeli, quem a protegerá?... quem a livrará das garras de vil Simba-
ba?... (com desespero) Oh! meu Deus! meu Deus!.. eu embouquei... ó... liberdade!.. pagé - pagé -
espera-me!.. eu ven contigo.

Julião - Quem tu és?... souzgo; tenha paciência, e ouça-me, que ainda muito tenho que -

dizer-lhe. Como já dizendo, depois que morreu o Sr. Capitão mor, a quem Deus ligu, as cou-
ras vão tomando outro rumo. Nossos parentes do matô levarão uma tremenda estre-
ga, uma lição, de que nunca mais se hão-de esquecer, porque meu amo é o mais terri-
vel accessor de quntos, que tem pirado nesta terra de S.^{ta} Cruz: e agora, meu amigo,
não se trata aqui senão do casamento de meu amo com a rica, illustre e bella
herdeira do capitão mor Coelho de Sousa, que de amanhã um dia se chamará a
Sra D. Elvira de Abundancia.

Henrique—(com furor) Mentis, maldito!. Elvira nunca se casará!

Julião—Oh! se casa-se! amanhã com o favor de Deus; pois saiba mais, que
a Sra D. Elvira junto ao leito de morte do Sr. no paço, na hora do passamen-
to jurou com a mão sobre os santos Evangelhos desporar o Sr. Diogo de Men-
donça, meu nobre amo; e amanhã celebra-se as bodas, pois bem ves, que a
Sra D. Elvira sem paço nem mãe, sem nenhum parente nesta terra precisa
quanto antes de um marido. Ah! se aqui reunida a nata das mulheres pessoas, e
seuhoras de buginho destes condornos. Saber que condornos por aqui significa qua-
renta, vincenta e mais legas em redondo. Por isso temos gente de Caladelo, Porto

Seguro, e até do Recife, portuguezes d'aquem, e d'além mar, gente toda lusitana, e bem
disposta. E' verdade, que os dispororios se farão sem apparato, sem pompa, at-
tenta a recente morte do Sr. Cap^{to} mór; só haverá um espectáculo: a isto, que
não adivinha, qual seja!... pois é o no enforcamento! saõ caprichos de
meo amo: não deves levar isso a mal, que vocês lá pelos matos farão pro-
res.

Henr. - (com voz amecadora) abamuluc, mamuluc, ai de ti, se rombas de mim! falla a verdade,
mamuluc, somente a verdade.

Juliao - Nunca menti; é o que lhe digo; amanhã vossa mercê estará enforcado, e meo amo
carado.

Henr. - E Elvira consente?

Juliao - Oh! se consente, pois ella o jurou.

Henric - (com furia) Mentis!...

Juliao - Verdã. - Eu bem te aconselhei, que não te metteses a namorado; não me affen-
deste, agora estás pagando. Olha, Henrique, D. Elvira é como todas as moças desta ter-
ra, sem o coração quente, e muito cedo sentio sede de amor; ora aqui neste sertão, não
sendo de todo, em quem empregasse o seu amor, na falta de homens, e por um capri-



cho-la de sua imaginação assentou de amar a ti, que, seja dito aqui entre nós, sem que disso te devançar, porra bugre não dirias de ser sedutor: mas essa fantasia cedo lhe devia passar, e logo que aqui se apresentou um ano, que é um completo cavalheiro, infallivelmente se viu lançado a margem. Emfim os conselhos de seu pai, do Rev.^{mo} Frei Ambrosio, e de Barbara, e sobretudo as maneiras amáveis, e o garbo gentil de meu nobre amo fizeram-na calar em si, e arrependeu-se de seu grande erro, que agora trata de reparar corando-se com meu amo.

Henr. (convulso, e em desespero) Oh! maldição!... não... não será assim... ella e ella morre-rão!... minhas armas!... dá-me as minhas armas!... Page, page, onde estão! espera-me... porque me deixas?.. espera-me;.. eu vou vingá-los. (deixando calar os braços, e a cabeça em profundo desalento.) Ah!... é tarde!....

Julião - Fômao, paciência e resignação: trata-te de por-te bem com Deus, e deixa-te des-ser pensamentos mundanos.

Henrique - (no auge do colera) Não-te, vil manreluco, emmagiuro da desgraça, vae-te antes que te esmague! (dizendo isto com tal força sacode o grilhão, que elle se desprende da parede, e cahi por terra)

Julião (tremulo de susto) Ha parte) Ai, que estou perdido!... ~~Ha~~ (alto) Henrique!

BIBLIOTECA NACIONAL
DEPARTAMENTO DE MANUSCRITOS

ARQUIVO DA
BIBLIOTECA NACIONAL

ch. que tens?... acomoda-te: prudencia: bem sabes, que eu não sou culpado. (Entrando e fugindo para a porta, onde encontra Frei Ambrosio, que vem entrando.)

Scena 4.^a Os mesmos, e Frei Ambrosio.

Juliao (á Fr. Ambrosio) É meu reverendo, foi minha boa estella, que aqui o trouxe agora, acuda-me, que o homem está furioso; olhe, ja quebrou a corrente, e so bastava peder a contel-o, pois parece ter nas entranhas uma ligião de demonios. (a parte) E vou-me embora, que aqui não estou com a pelle muito segura; quem quizer, que fique com o fegre na gaiola. Qui vale é que estas bravatas não passarão de hoje, que tenho ordem terminante de meu amo de enforcal-o amanhã bem cedo. (sabe)

Scena 5.^a Os mesmos, menos Juliao.

Frei Ambrosio (chegando-se a Henrique) Filho, tu és christão, e como tal te deves preparar para morrer na graça do Senhor.

Henrique - Não, padre, eu não quero morrer sem ter trincado nestes dentes o coração vel do Infonba, sem ter suffocado nestes braços a serpente traçoira, que envenenou-me o coração.

Fr. Ambr. - Acalma-te, filho; neste transi final e solenne sempre despus tua alma das

mundanas paixões, desses andrajos e miserias da vida, para apresental-a limpa e sem mancha nas mãos de teu creador. Lembra-te, que és christão, que rubeste na frente a agua sancta do baptismo...

Henr. — Abalolta a hora, em que cahio-me sobre a cabeça essa agua da fonte da desgraça! maldito aquelle, que me arranco de minhas brachas, e me trouxe ao seio dessa abominavel solidade, onde só vim apprender os caminhos de opprobrio, e de purgação. Meos pais, meos paes, perdoa-me; tarde conheço, quanto era justo o teu profundo e irreconciliavel odio!.. Ah! porque não me esmagaste o cranco contra um tronco, antes do que deixar-me em poder desses homens, onde cada rosto é mascara traioçeira, que mostra um coração de algaz!..

Fr. Ambr. — Sobre infelice!.. nem tu mutes o alianço das horribis blasphemias, que teos labios hão profirido!.. pondera, que a justiça divina é inflexivel para o peccador impunitente, e que são eternos e irremissivis os tormentos do inferno.

Henr. — Não podum ser mais cruéis que as torturas, que soffro. Crede-me, padre, eu ja venho o inferno dentro d'alma!

Fr. Ambr. — Ah!.. não profiras tão impias palavras: a agua sancta do baptismo abris-te os caminhos do céu, e tu louco hoje te esforças em fechal-os para sempre

com esse temeroso affetto aos mundanos pensamentos?! acalma-te, filho, e desparte-te a
 escutar as palavras de pai e de esposa, que nos ensinou o sábio mestre divino.

Henriquet (mais calmo) Pois bem, padre; ja que vem com a sancta missão de tomar meus
 amargos os ultimos momentos de um infeli condemnado, eu t'o agradeço; mas
 vae, eu t'o supplico, vae primeiro levar tuas palavras de pai, e de brandura a
 aquella mulher, à aquella fêmea, que me rasgou todas as fibras do coração em suas
 garras furiosas; vae ver se amansas os seus furoros, diga-lhe que se arrependa de
 sua horrivel traicão, que tenha dó de sua infeli victima, que venha arrependida
 e lacrimosa lançar-se em meus braços, e reconhecendo o seu erro, implorar o meu per-
 dão; fare, que eu a veja, que a abraçe, que lhe diga um devotissimo adeos, e lhe imprima
 na fronte o bijo do perdão: fare-me isto, o padre, e eu escutarei as tuas palavras, e eu
 morrerei tranquillo, e satisfeito.

Fr. Ambr. - Ah! desgraçado! por que te afforras temeroso a uns frivolos e profanos pensa-
 mentos, que compromittem a salvação de tua alma?...

Henriquet - Que!... ella um pensamento profano!... ella comprometter a minha salvação, ella
 que unica pode salvar-me!... Não te comprehendo, padre; se não queres, que eu falle, nem
 pense nella, ide-vos, que balbudeis não todas as vossas palavras.

Fr. Ambro. - Grandes e terríveis devem ser as tuas tribulações, que assim te mostres impudendo e duro nos sentas do pecado! ebbas, filho, compara esse teu soffrer aos barbaros ~~soffrimentos~~ tormentos, a que se submetto sem quinquante o filho de um Deus para remir nossas culpas, e tu te envergonhas da tua fragueira. De todas as dores, e angustias que ora padeces, fare como elle um holocausto ao Senhor; quanto mais amargos, e violentos são ellas, maior será o galardão, que te aguarda no paraiso: considera, que está por poucas horas trocaras todo esse fardo das humanas misérias por uma paz eterna, e uma inalteravel bemaventurança.

Henrique - ebbas sem Elvira, padre? sem ella não ha para mim felicidade possível; sem ella para mim tudo é inferno: mas com ella, em toda parte é céu!

Fr. Ambro. - A bemaventurança eterna apraga para sempre d'alma todas as lembranças da terra..

Henr. - Não o creias, padre; não ha no céu nem na terra poder algum, que me faça esquecer de Elvira. (com colera) Ah! onde está o malote, que mi a roubou? ah! vingança! padre, falta-me de vingança! eu não sou dos vossos: não sou christão; não! sou selvagem! sou tigre, e tenho sede de sangue!... Ah! pagé! pagé! porque me tiraste!?

BIBLIOTHEGA NACIONAL
CLASS. DE MAN. ESCRITOS

REPOSICION DE
LIBROS

Fr. Ambr. - (a parte) Deploravel sequira!... cumpri-me intortante disputar...
ultimo transe esta victima no inferno. (alto) Adeos, fillo; eu te deixo, mas
em minhas orações rogar ao Senhor, que te conceda um momento de calma, um
instante de arrependimento, e compunção. (sabe e a grade se afforrotta)

Scena 6.^a

Henrique, e Elvira, que entra precipitadamente vestida de luto, pallida, e desahusada
por uma pequena porta forte, fronteira à grade.)

Henr. (com espanto) Elvira!

Elvira (com inquietação) Foge, foge, Henrique!... a noite está escura; as trevas no favorecem... por
esta porta sahiras sem ser sentido; por ali ninguém te esperita, por que ninguém julga
pouissal, que saias por esse lado. So eu, só a minha dedicacão o conseguiria... foge, Henrique!
(dizendo isto, tira as algemas á Henrique)

Henr. (com panno, e indignação a um tempo) Estou livre, e é ahi, que devo a vida, e a liberdade?

Elvira - Não faço mais, que pagar-te uma divida; foge, Henrique.

Henr. - Agradeço-te, mas não aceito nem uma nem outra!

Elvira (com ariedade) Foge, que estes momentos são preciosos... não penna, a que perigos me

exponho para salvar-te;.. é mais que a vida, é a honra, que eu exponho... não vas
baldar tantos sacrificios;.. por piedade foge!..

Henn. (com firmeza) Não fugirei!

Elvira - Abata-te-hão...

Henn. - Morrerei!..

Elvira - (com angustia) É eu também morrerei de dor...

Henn. - Não creio!..

Elvira - Henrique, é ~~tu~~ a tua Elvira, que te pede em nome do nome amor, foge,
Henrique.. foge.

Henn. - (com força) Perdida!.. de que me serve esta vida, e esta liberdade, que me dão, se
me recusar para sempre a paz, e a felicidade, se entregares a outrem o teu coração?..

Elvira - Nunca!.. elle ainda te pertence....

Henn. - Que!.. Não serás amanhã a esposa do meu feliç cavalleiro Diogo de
Abendonca?

Elvira - (em angustia ^{a part.} inda mais) Ah! meu Deus!.. meu Deus!.. ~~ja me~~ ja tudo sabe!..
(alto) Sim, Henrique!.. é verdade!.. mas....



Henr. (acrescentando as palavras com sombrio desamparo) É verdade!... e por teu labio e confissão... Assim pois, um abismo nos separa para sempre, e nunca, nunca mais poderás ser minha!...

Elvira (com revolução) Sim, Henrique!... nunca!... nunca mais!... esquece-me, Henrique, detesta-me, amaldiçoa-me;... mas, foge!...

Henr. - Não!... Já que me assassinaste a alma, toma também o meu cadáver, e o abandona, cega nelle também os teos furros, calca-o a teos pés, arroja-o a teos pés, para que seja mais completa a tua festa!...

Elvira (no auge da afflicção) Ah! meu Deus!... que tormento!... se me demoro mais, eu e elle estamos perdidos para sempre!... (salto; ajoelhando-se supplicante aos pés de Henrique, e com indizível ansiedade) Henrique, não posso mais aqui demorar-me; mas esta porta fica aberta, é ainda um sacrificio, a que por ti me exponho!... Henrique, por piedade!... pelo ceo!... por nosso amor, foge. (Dirige-se á porta, por onde entrou, e ao chegar a ella voltando-se supplicante para Henrique) Foge, foge, Henrique. (Parte)

Scena 7ª Henrique só

Henr. - (Depois de um momento de reflexão.)..... É que farei eu?!... imuncto, que eu sou?...

até que ponto me deixaria a proceza dessa mulher?... Devo eu ficar aqui atado
ao poste da infâmia, deixando em silencio lagrimas de desesperação, serri in-
sultado, estrangulado, e morto, e elles vivos, elles triumphantes, elles contentes, e ri-
sinhos nos braços um do outro?!... quão máo conselheiro é um coração, que sangra!...
Não:.... D. Elvira, ainda me verás!... esse abismo, que nos separa, eu protesto vingal-o,
ainda que seja preciso entel-o de cadaveres, e sangue!... e ai de vós entes, Sra. D.
Elvira de Abdonca!... fugamos!... mas onde irei?... Ah! pagé! pagé, onde foste?
por que me deixaste?...

Scena 8.^a O mesmo, e o pagé.

Pagé - (entrando pela mesma porta, por onde sahira Elvira) Eis-me aqui!... que
queres de mim?...

Henriq. - Vingança, pagé! vingança!... eu me entrego em tuas mãos; falla, e
obedirei; que exiges de mim?

Pagé - Vingança!

Ambar - Vamos!

Fin do 4.^o Acto.

Acto 5.^o
Flores murchas.

Um salão da casa de Coelho de Sousa, mobilado com luxo, guarnecido em redor de cadeiras de espadar; duas janellas para um lado, uma porta para o fundo, communicando com outra sala, outra porta para outro lado. - Personagens - Diogo de Mendonça, e cavalheiros portuguezes, vestidos de corte, Elvira vestida de noiva, Barbara, Henrique, Page, schagens, creados.

Scena 1.^a D. de Mendonça, e creados.

D. de Mendonça - (entrando, acompanhado por dois creados, com ricas libras, e depois de ter sido cumprimentado pelos cavalheiros, que se levantam) Ilustres, e leaes cavalheiros, com o maior prazer vos annuncio, que a Providencia hoje assignala para mim um dia de benção e felicidade, um dia, que nem abris ante meus olhos as portas de um futuro radiante de gloria, de amor, e de ventura. Eis-vos aqui, Senhores, vós que tanta parte tendes tomado em meus trabalhos, e angustias, que comigo derramastes lagrimas sinceras sobre o tumulo de nosso velho amigo, e chefe o Cap.^m mor Coelho de Sousa, vós, que nunca recuastes nas rudes luctas, em



que nos empunhamos com o gentio, que tão heroicamente havia contribuido com
vosso suor e sangue para levamos a cabo uma tão ardua e arriscada empresa, eis-vos
aqui hoje reunidos para tambem tomar parte em meus regozijos e em minha fe-
licidade; felicidade, que eu espero terá de reflectir-se sobre vós todos em vos bene-
ficios effectos. Graças ao vosso esforço e boldade havemos triumphado à um tem-
po da indomita feroçidade dos selvagens, e das sinistras maquinacões da perfidia:
o gentio, que sempre nos trahiã inquietos e alerta, ou morroso, ou atterrado e fora-
gido se embrenhou nas selvas para nunca mais voltar: a pãe e a segurança rei-
naõ em toda a colonia; a confiança renase em todos os corações. E para rematar
tantos beneficios, galardoa-me hoje a Providencia com premios sem duvida mu-
lto avantajados a meus fracos servicos: ao passo, que o cõe entrega em meus braços
a mais bella, e a mais adoravel das esposas, o Governador-General da Capitania envia-
me esta carta patente (apresenta um papel) pela qual me nomeã Cap^m-mor com
ampla authoridade por todo este sertão, e me fãe ainda consideravir doações de Ter-
ritorios pelo interior. Reconheci pois em mim, Senhores, o successor de illustre
finado Cap^m-mor Coelho de Sousa.

Todos os cavalh. - Parabens! parabens!...

2.º Cavalh. - Nihil parabens ac illustre e esforçado cavalleiro Diogo de Mendonça, vosso di-
gno Cap.º - mór! - Nos vos dirigimos sinivas felicitações, e rendemos graças ao Altis-
simo por tão amigualado benefício. (D. de Mendonça inclina-se em signal de agradecimento)
Sois na verdade um feliz e consummado cavalleiro, Sr. Diogo de Mendonça! rico e nobre
herdeiro de Coello de Sousa, feliz esposo de sua adoravel filha, supremo chefe e obminador des-
tes feitiç e vastos reinos, sem ser mais quem vos perturbe no gozo d'esses bens, que o céu
vos prodigalira, nada mais vos resta a desijar para vossa completa ventura. De vossa par-
te contoz tambem como sempre com a vossa lealdade, e dedicação; rendemos á vossa au-
thoridade o mesmo juramento, que já temos rendido ao vosso merito e coragem. Parabens! pa-
rabens á vossa fortuna, que nos deo para chefe e nobre e valente cavalleiro Diogo de
Mendonça!

Todos - Parabens! parabens!

D. de Mendonça - Agradeco-vos cordialmente tão espontaneas manifestações, e esforçar-me-ei
por corresponder dignamente á confiança, que tão generosamente em mim depositastes.
Agora, Senhores, sabei, que todos os meos cuidados tendem para estabelecer-me solida-
mente nesta terra, e nella garantir com efficacia vosso sosgo e prosperidade pa-
ra o futuro. Confiado em vosso esforço e persévrança, espero, que seremos a



gloria de estabelecer duradouramente o dominio portuguez nestas paragens, onde
tantas tentativas tem naufragado. O mais difficil esta conseguido; era a completa
destruicão dos indios Potiguaros, flagello destes reinos. Tenho celebrado de rigor pa-
ra com elles, e à vista das ultimas refréas, que soffrerão, conto que nunca mais
se lembravão de nos incommodar. Heje mesmo, Sr.^{as}, um formidavel e salutar
exemplo acaba de lhes ser dado; vede;... (condurindo os cavalleiros por junto de
uma janella, e apontando para fora) vede lá naquell' morro fronteiro! (a parte)
Ainda bem que o meu fiel Julião cumpro a vossa as minhas ordens! (alto)
Por aquell' signal combucão esse punho maldito, qual é o meu modo de tra-
tal-os

1.^o Cavalh. - (a parte) Um indio enforcado!... que horror!... bello espectáculo para
festivar um dia de noivado!... (alto para D. de Albuquerque) Sim, Senhor!... é terrivel!
é um pavoroso exemplo!

D. de Mend. - Aquell' era o cabeca da ultima insurreicão; era Henrique,
que muitos de vós combucão, e que entre os seus se chamava Jurupema. Te-
nha sido aprisionado ainda criança, e educado com todo o mimo pelo feo-
do Cay^m-mor, soube granjear sua intima por sua submissão, sua riqueza, e

seras boas qualidades; isto é, por sua refinada hipocrisia: digam a ocasião de mostrar
que era da mesma rala' dos outros nos compromissos; esse miseravel trahio-nos, e hoje
paga com a vida o no monstruoso crime! Guardei sua execução mui de proposito para
este dia, em que entro de posse como legitimo senhor no dominio destes paizes, para que
des de hoje fiquem elles conhecendo, qual é o meu sistema de governo.

1.^o Caval. - (a parte, e com voz baixa.) Belle exemplo na verdade, e sobre tudo muito delicado para
se offerecer aos olhos de uma bella noiva!

2.^o Cav. - Estreou de um modo admiravel o novo governo, Sr. Capitão-mór, e eu vos auguro
des de já a mais prospera fortuna, e feliz exito em todas as vossas emprezas. De
feito não vejo outro mio officio para conter estes furros senão pelo terror: so as-
sinar poderamos ter paz e segurança. Assim como não é forçoso derribar a ferro, e
fogo estas florestas para que ^{a terra} ~~esta~~ nos dê o pão, de que havemos mister para viver,
assim tambem ~~para~~ é preciso purificar este pair desta praga maldita de selvagens,
para nella poder vingár a boa cultura da fé, e da civilização. Não posso por-
tanto deixar de applaudir a vossa acertada lembrança, e dar-vos por ella
os meus parabens!...

Alguns cavall. - (enquanto entre outros circula um sussurro de desaprovación.



Um duvida!... Parabens, S.^o Capit.^{mo} mor!

Uma voz do lado de fóra - Mortal! morte ao carrasco!

D. de Mend. (descubrimtando a espada.) Quem será o assassino?

1.^o Cavalh. - Sua audacia!... de quem será esta voz?...

2.^o Cavalh. - De quem quer, que seja, não é de este de bom agouro. (parte dos cavalleiros se dirigem ás janellas, outros sahem pela porta do fundo com a espada em punho.)

2.^o Cavalh. - (dizem de ter se debruçado á janella, e olhado para todos os lados) Ninguem vejo; o malhete, quem pica que seja, evaporou-se, como um sonho!...

Diogo de Mend. - Senhores, não vos incomundeis... estejo esta voz; é de um velho indio, que as vezes por aqui anda vagando como um phantasma, e que o vulgo respeita como nigromante, ou feiticeiro;.. serenos por ventura ousarias, para termos medo de seus agouros; é um innocuo, um louco; não vos dê isso cuidado.

1.^o Cavalh. - Seja quem for, sua audacia não deve ficar impune. Cautela, S.^o Diogo de Mendonça, cautela contra a traicão! Senhores, unyere-vos senhores o malvado, ainda que se encosta no seio da terra; e vós, S.^o D. de Abundonça, ficas tran-

quilo, que em breve vivo ou morto se lo haremos de Frases. (sabem todos, zezé, pe-
ta do fundo, exapito D. de Mendonça)

Scena 2.^a D. de Mendonça sr.

D. de Mendonça - Vós sinistra na verdade!... porveia satis dos tumultos!... Confesso que tremaria
se fosse possível hoje eu ter medo de ouvir alguma voz munda... Mas o vil festeiro
irá fazer companhia ao traidor Henrique;... será mais um dependurado para celebra-
rizar esta dia, que devia ser o dia do amor, e tomou-se o dia do odio e da vingança!
vingança atroz na verdade, mas necessaria!... E eu, que me vim tranquillo e satisfeito
na apparencia, e com o sorriso da felicidade nos labios, mal sabem quanto fel me ferre no
coração! mal sabem, que agora negra e profunda encobrem essas flores festivas!... Oh! essa
mulher, que de mim soubeu tão cruelmente, que a mim proprio um vil selvagem,
a quem vergentamente prostituiu seu coração, essa mulher, que derribou meo amor,
rivã hoje forçada a acceitar o meu jugo. E se quando tiver largamente expiado os seus erros,
quando envergonhada e arrependida cahir a meus pés implorando perdão, se então
virei no esposo; de contrario virei sempre o seu algoz!... E quem sabe? muito pode o
tempo e a reflexão: talvez purificada no altar pela benção ulerta, que nos vai descer,
mea alma se regenerar, e a tralhada, donzella u torne uma digna, e estimavel

espera. Deos annu e permitta! (chugando-se à janella) Que farão estes Sr^s cavalheiros?...
querirão bater toda a capitania em busca de um velho leuco?... se Julião aqui se achava,
aposto, que já teria descoberto e insolente... e que é delli?... que será feito de Julião, que
ainda hoje o não vi?... quando todos me rodeão, e me felicitão, só o meu fil Julião não
me apparece!... Onde estará elle?... cunçari-me sabel-o. (sahê pela porta do fundo)

Scena 3.^a Elvira, e Maria, que entrão pela porta do lado.

Elvira - Oh! Maria, minha boa Maria, eu soffro muito!... não sei que será de mim!
quanto me custa esta humilde sacrificio!... o altar é para mim mais lugubre, que
o patibulo ao condemnado!...

Maria - Bem vejo, Senhora, quanto sois digna de lastima!... se fosse possível, eu
tomava para mim metade de vossos desgostos, para não vos ver soffrer tanto. - Tão bel-
la, tão moça, e já tão desgraçada!... Ah! que só o tempo, e a ternura de vosso esposo
vos poderão encher as lagrimas!...

Elvira - Não, Maria; só a morte. (sentá-se em um eyaldar, toda absorvida em
seus tristes pensamentos.)

Maria - (a parte) Onde terão ido o Sr. Diogo de Alencão, e esses Senhores, que
ainda deixão deserto este salão? que motivo terião para sahir, quando aqui

nos devião expiar? bem me parece ter ouvido aqui um rumor extranho, (chegando-se à janela, e recuando depois espavorida, e tapando os olhos com a mão, mas com-
vós abafada para não ser ouvida por Elvira.) Ah! meu Deus!... é elle! é o pobre Henrique!
... o homem cumprido na feição promissa!... pobre de minha ama!... quejas de nunca expor-
nar no louco amor por esse selvagem, quanta pena tenho della! e bem não está meu
novo amo!... eu mesmo me sinto traviada de horror!... ah! que será della?... como occultar
lhe aquelle horrivel espectáculo?!

Elvira - (sabiendo de suas reflexões) Não; não sobrevivei muito a este horrivel golpe! a dor
me matará.

Maria - (a parte) Ah! meu Deus!... ter-me há ouvido! (alto) Tende coragem, Senhora; vivai, que o
tempo trará remedio aos vossos soffrimentos; tudo se esquece....

Elvira - Eu nunca me esquecerei nada. - Meu pai, tu me imporestes na hora de passa-
mento este duro e amargo sacrificio!... pois bem; eu sou resignado; cumpra-se a tua
vontade, ja que assim era mister para o eterno repouso de tua alma. Sim, desposari
Diogo de Abandonca, mas accital-o-me como um castigo de cãe, como uma horrivel ex-
piacão, a que me condemna o destino, como um algór, que me vem punir. Serai dis-
gracada, mas não o serei por muito tempo, que em breve mecularei ao pere

de tamanho infortunio... E Henrique! ah! mio Deus!... quantos mistos!... quantas agoni-
as á um tempo!... sabes, Maria, o que é feito de Henrique?..

Maria-(com embaraco) Não sei... mas, Senhora... naturalmente deve estar em
sua prisão.

Elvira-(com desarrego.) Em sua prisão?... estás bem certa disso, Maria?... (a parte com
afflicção.) Hontem não quavia fugir, o louco!... quem sabe dir-seu-se matar... (alto)
Maria, não te consta, que elle fugisse?...

Maria- Nada tenho ouvido dizer... mas... talvez... quem sabe?..

Elvira-(com ansiosa inquietação) Não sabes nada?... ah!... que invertebra cruel! Ma-
ria, esse homem malvado tinha jurado immolar-o á sua ignobil vingança;
quem sabe não terá cumprido sua horrivel ameaça?... (dirige-se para a ja-
nella.)

Maria-(procurando desviar a janella) Esqueci-vos disse, Senhora!... vosso expo-
so não é capaz de semelhante crueldade. Elle só deseja, que se lance um rio sobre
o passado...

Elvira- Mas um rio de sangue!...

Maria- Não; de um generoso esquecimento. Vede, como se procedimento para conhecer



é deliado para comvicio, que nun vos toca nesse melindroso ponto, porque sabe vos
queitar a chaga profunda de vossa coração, e espera, que o tempo e a vossa cura de
travão remedio a tudo.

Elvira - Ah! Maria, onde tu não vês senão um rago de delicadere, eu distingo bem
claros os effectos de uma fria e calculada maldade!.. Elle o prometteo, Maria, elle
é copiar de tudo!.. Oh! Henrique!.. mio pobre Henrique!.. (procura ainda dirigirse
a janella)

Maria - (procurando ainda distrahir a, e berrial a da janella) Ah! Senhora!.. escutae-me;
agora me lembro; dissrao-me, que Henrique fugira esta noite..

Elvira - Fugio?.. fallas a verdade, Maria?

Maria - Sim, Senhora; fugio.

Elvira - Oh! não te accordito: queres me enganar. (dirige-se a janella sem attender
a Maria.)

Maria - (com afflicção) Senhora! Senhora! retiremo-nos daqui... elle fugio; sou eu,
quem vos asseguro...

Elvira - (recuando horrorizada) Ah!.. Maria!.. Maria!.. socorre-me... eu morro!..



(arreja-se palida, e amigulada sobre um espaldar)

Maria (acudindo assustada, e sacudindo brandamente Elvira) Senhora!... Senhora!... que tendes?... namor!... não vos assusteis por tão pouco, minha querida ama!... não é nada; não penseis, que é Henrique, que ali vede... há tantos indios... é outro qualquer... não é a primeira vez, que ali se manda justiar os indios malfi-
tozes.

Elvira (tornando a si, com voz suffocada de dor) Cala-te, Maria; em não procuras ainda illudir-me!...

Maria (com ternura) Acreditas-me, minha querida ama; não vos illudo.

Elvira (reanimando subita em e sinistra energia) Cala-te, que baldador usas os teos esforços para enganar-me: sei tudo. (com o riso ironico do desespero) Oh! Senhor Diogo de Albuquerque, sois na verdade um cortez e bravo cavalleiro!... sabeis obre-
quiar com a delixadera do mais extremo e terro exporé!... Mas fizeis um certo, que saberei corresponder dignamente, e retribuir-vos o galardão com outro, que de certo não vos será desagradavel. - Maria, vai buscar o coprinho de minhas joias; estou muito simples, não se pavia?... devo me adereçar mais

mais ricamente; não é assim, que devo me apresentar aos olhos de um
vado, e golante esposo. (Maria sabe) Oh! infame carrasco, não expus gorar de teu in-
bél triumpho. Desperar-te-ei, que esse amargo sacrificio eu o devo às cinzas de meu
pai: mas eu juro por essas mesmas cinzas, juro por aquella innocente victima da mais
baixa, e da mais abtrór das vinganças, serci tua esposa um só instante, e tu não ar-
rastarás para o leito nupcial senão um frio cadaver!... Sim, que de há muito estou
prevenida!... cuidavas, que qual ovelha tímida e submissa, eu iria affagar as gotas eu-
sanguentadas de fogo? Daqui a algum momento serci tua; alguns instantes mais
estarei com Henrique na eternidade!... Oh! Henrique, meu infeliz e amado Henri-
que, antes combigo no tumulo, do que com elle sobre um throno!

Maria - (entraando, e depondo sobre a mesa o cofre das joias) Eis aqui, Senhora; admei-
vos como vos approuver, e sobre tudo tractae de tranquilisar-vos; tende emi-me, en-
stugai essas lagrimas...

Elvira - Lagrimas!... ~~nao~~ quem mais dóra!... não vos, que o fogo do desespero ja as
recou?...

Maria - Oh! não desesperis, minha querida ama. Deus é bom, elle se compadecerá de
vos, e dará alivio a vossas dores. Tranquilisae em vossas, e preparae-vos, que de

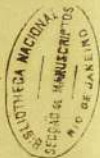


avizinha a hora de ir para a Capella.

Elvira ^(abrindo o cofre) - Sim, Elvira, tens razão; poder ir dizer ao Senhor Diogo de Abundancia, que sua esposa se acha pronta para ser conduzida ao altar. (Elvira sahe.)

Scena 4.^a Elvira só.

Elvira (tirando do cofre um frasquinho) Eis a joia, que eu procurei! joia de inestimavel valor, e que eu hoje não trocava por todos os thesouros do mundo! e cujo preço se conduzem os desgraçados como eu! - é a joia do esquecimento, e do repouso eterno! - (vae beber o veneno, mas ao levar-o aos labios, para, estremece, e hurita) Oh!... meu Deus! que vou eu fazer?... morrer! sem o coração a tamborotar de vida, de novidade, e de amor... e este amor, que me enaldea, esta angustia, que me amecia, todo este fogo, que me devora, apagar-se eternamente no sào gelido da morte?! entre-
gar meu corpo aos vermes do sepulchro, e minha alma... a quem?... ah!... (entremendo convulsivamente as mãos, e erguendo as mãos olhando angustiado) Oh! meu Deus! meu Deus! piedade!... (pausa) Não tenho coragem para morrer: tã-a-ei acciao para viver?... a morte me aterra, mas a vida... ah! a vida me é insupportavel! (dá alguns passos para o lado da janella, e olha para fora) Não é elle?... não é Henrique, que ali está?... que ali por meu amor soffro morte ignominiosa?... e eu, covarde! eu ainda



vaiillo!.. Perdoa-me, Henrique; perdon, se um momento hesitei em seguir
à mesa, empunha com resolução o vinuo, e bebe-o) Esta sellada a minha
su do humulo!... que venha agora o monstro desporar a morte,... apertar com nos terra
braços um cadaver!.. a campaa!.. eis o thalaimo, que mio amor lhe destina! e ahí,
que sua esposa vae dormir a noite nupcial!.. Sim, daqui a alguns instantes es-
tarei morta!.. morta!.. ah! mio Deus! perdoa-mu.. eu não podia viver... (ouve-
se do lado de fora um ruído extraordinario, que vem-se appropimando, gritos,
suros, retinir de espadas, alabroamento de bacapes, sons de nuvias, e de maracás, etc.)
Que estranho ruído é este?.. Céos!.. será isto ja o delirio da morte?.. Oh! não; é
a guerra!.. a guerra com todos os seus horrores!.. são gritos de morte, e de vinganca!
ah! mio Deus! mio Deus!.. são os selvagens!..

Scena 5.^a ~~Henrique~~ Elvira, e Henrique, que se presen-
ta na sala com um punhal na mão.

Elvira - (dando um grito de espanto) Henrique!..

Henrig - (com voz trônte) Não é Henrique; não; é Jurupema!

Elvira - (com panno) Inaqui, Henrique! surgiste acaso do humulo?.. ou será isto um
delirio?!.....



Henr. - Não; não é delírio; é o prêmio de tua perfidia!

Elvira - Eóo!... não es tu pois, que meus olhos estáo vendo ali suspenso naquella patibulo?!...

Henr. - (com terrivel sarcasmo) Amim o desjaviis, minha nobre senhora!... mas, enquanto dormiis tranquilos, sonhando venturas, e espusando acordar aos sons de himnos de festa e de alegria, o misero trahido, de cujos olhos ardentes de desejo o sono fugira para sempre, relava não longe daqui aguardando a hora de acordar-vos aos sons de gritos de morte, e aos lampejos do punhal da vingança!...

Elvira - (aterrada) Ah!.....

Henr. - Amim pois, o carrasco converto-se em paciente; a victima de honrura é o algar de hoje. Aquella cadaver, que la ves penderado, é o de vil Juliao, de meu melho querido de ho nobre espere. Em miseravel, dando pela minha falta, batia os campos em minha procura: encontrou-me, e encontrou a recompensa de vos servicos! E enquanto de longe applaudia a minha morte, eu marchava á frente dos bravos da floresta, cahia sobre os vossos desjessos, e desajurecidos, espalhava o susto e a morte, e porfim embetia meu punhal requioso no covaco de voso felis amante, e saltando por cima de voo cadaver, aqui me apresento



agora...

Elvira - Para matar-me tambem; não é assim, Henrique? mata-me: que mais te resta agora, senão matar-me; a ti, que me trahiste, que tão cruelmente me enganaste! mata-me... mas... espera... não será preciso: Los desejos serão cumpridos, e tu que me machas tuas mãos em meu sangue. Mas antes, que eu morra, Henrique, crêta-me, e tu me perdoarás! Henrique, eu te amo; eu te amei sempre, eu te amo mais que nunca...

Henr. - Não o creio! não esperes mais embair-me com a doce puconha de tuas palavras; tuas palavras são mentira, é mentira o teu amor!

Elvira - (sem angustia) Ah! não, não! acredita-me, Henrique, eu te amo. Eu era forçada a desposar Diogo de Abdonça; era minha mãe só, que eu lhe dava; por em o coração, como havia eu dar-lhe, se elle a tanto tempo te pertencia?... Mas tremendo juramento, que meu pai arrancau-me no momento de morrer, me ligava inexoravelmente a esse homem, que eu detestava: eu ia cumprir esse legado de lagrimas, que deixou-me; mas a despeito de tudo, eu te amava, Henrique, eu te amo muito!...

Henr. - Elvira!... ah! vai ainda uma vez, ser illudido!... Elvira! ~~att~~ por piedade se me

nae rombo mais consunigo.

Elvira (tirando do rio um ramo de flores muvchas.) Já que me não acreditais, Henrique, sejam testemunhas estas muvchas flores, — estas flores queridas, que um dia tu me deste, e que até hoje conservei sobre o coração!..

Henr. (largando o punhal, e precipitando-se aos pés de Elvira.) Elvira, minha Elvira perdooa-me!.. tens um dia o coração, que tu não podias enganar-me!.. (levantando-se) Oh! estas flores!.. (tomando flores).. dá-me estas flores queridas, punhos de tua lealdade! quero beijá-las, quero também apertá-las ao coração. Vêde ao meu rio, vindes, bellas flores de amor e de lealdade, que hoje entregaei em meus braços o anjo, que um dia em sonhos me prommetestes!..

Elvira — Não vêis como estão muvchas?.. ah! que o sepro da morte mirrou-as para sempre, e as flores da cyruanca converterão-se em grinalda de morte!

Henr. — Oh! não!.. já que me amas, Elvira, nada hoje pode extorvor a nossa fidelidade!.. serás minha!.. (com singular exaltação) Hoje sou eu o chefe dos bravos: meu braço sustenta as armas imençáveis do terrível Projeta: mil valentes guerreiros acodem à minha voz, e obedecem ao meu mando: ei-los que não levam de corrida os inimigos vencidos, e derramam de o resto, e a morte!.. o terror precede



O meu nome; a victoria marchou ao meu lado. Quem tira a leoa unida
de contrariar o meu poderio?... hoje sou eu o rei das selvas! Vem, Elvira, vem,
corre a meus braços, vem ser ~~colega~~ rainha comigo!... Tu, se mais te aprouver,
farei voltar meus guerreiros para suas selvas, deixarei nos bosques o cacique
~~o chefe de Sirajita~~ pendurarei de novo na caverna de pagé as armas invenci-
veis de Sirajita, e voltarei ainda a ser o teu escravo, o teu fiel Henrique! Vem,
Elvira, de qualquer sorte, que queiras, nas cavernas ou nas florestas, a sombra da ta-
ba de indio, ou na habitacao de luxo, em toda parte seremos felizes! amito, muito
felizes!

Elvira - Ah!... mais que nunca somos desgraçados! orinda; não sabes ainda tudo... Neste
momento o altar nos aguardava... eu ia ser delle para sempre...

Henr. - E para sempre delle nos livrou o meu punhal!

Elvira (com voz anhelante) Eu ia cumprir um voto horrivel, mas sagrado... e julgando-
te morto... eu ia virgar-me a mim, e a ti... dentro em pouco eu seria sua es-
pora... estava cumprido o juramento!... alguns instantes depois... ah! eu estavia
no humulo cumbigo... commetti um crime... um crime enorme, de que ~~depois~~

eu soffro a horrivel punição... Ah! Henrique! Henrique! porque não fugiste?
porque assim enganaste a tua Elvira... Agora sale para tua punição... que te
ano... e que estou morta!!...

HENR. (com agitada inquietação) Elvira! minha querida Elvira! que tem?... fal-
ta... que crises commethste?...

ELVIRA. (com voz cada mais cortada, e anhelante) Bebi o veneno... bebi... a mor-
te....

HENR. (com indizivel angustia) Ah! louca! louca!... que fizeste!...

ELVIRA. Henrique, perdete-me.... teu do... de tua Elvira... que morre....

HENR. Não; não; Elvira... não morrerá... (toma-lhe ambas as mãos, e ca-
ta com ansiedade) Elvira, ^(a parte) ~~escreve-me, o teu Henrique e Meo Deus!~~ como
ella soffre!... que palidez sinistra!... (alto) Elvira! o teu amante, que aqui es-
ta, para salvar-te, ou para morrer cõtigo!... não desanimes! ainda have-
rá remedio... Elvira! tu soffres muito?...

ELVIRA. (com voz cada vez mais orgulhante, e exstremta) Não... tranqüiliza-te,
Henrique... mas... não ha remedio... eu morro... ah! que tortura!... morrer....

sendo, pã... vende tu... vende a tua voz!... no mesmo dia
uma hora... vender suas vezas... da dor de perder-te!... ah!... se esta...
vã... mata... me... não me... onde já provaras... nem no...
e dade... a vida... a... reforçando a voz com desprava... Ah! que destino!... que
destino cruel!

Elvira!

M. Henrique!... ah! que piedade!... como me pesa... esta cabeça!... Henrique... ampa-
ra-me... (deixa a cabeça sobre o peito de Henrique, que a sustenta no braço, e con-
templava desvaivado de dor, uma nariz... m... estende, ante meus olhos... ja sente... e pro-
da morte... irradia... o coração... Henrique... não promette... não promette...
meo derradeiro... adeos... adeos... adeos... ah!... (recorpe-se que)

M. Henrique em languido no seio de Henrique, que a sustenta vigorosamente.)

M. Henrique (agitando e correndo Elvira.) Elvira!... Elvira!... ah! esta morta!... (fica na mesma
atitude, mudando como petrificado pela dor.)

Scena 6^a, e última. Os mesmos, Selvagens, e pa-
Selvagens - (puzendo o brial na sala, e cantando com voz brava.)



Victoria! victoria! Viva os seus cavallos. Viva o Brasil
Viva Junqueira! Viva! Viva!
N. 111 - (com força) Aborda! morra e a grade Junqueira!
e abraçado com Elvira nos braços dos selvagens, que rodea
Bage - (bravando as mãos ao de, e com variegado, e forte) e a
maçã dos Selvagens.

Dim



Tão pelo ensino. Secretaria de Conservação
Brazileira em 2 de Junho de 1856
D. E. J. de Anjos